



Marlene Guirado

Desenvolvimento afetivo na psicanálise de Freud

Um recorte possível

Blucher Open Access

PSICOLOGIA

DESENVOLVIMENTO AFETIVO NA PSICANÁLISE DE FREUD

Conselho editorial

André Costa e Silva
Cecilia Consolo
Dijon de Moraes
Jarbas Vargas Nascimento
Luis Barbosa Cortez
Marco Aurélio Cremasco
Rogerio Lerner

DESENVOLVIMENTO AFETIVO NA PSICANÁLISE DE FREUD

Um recorte possível

Marlene Guirado

Desenvolvimento afetivo na psicanálise de Freud: um recorte possível

© 2022 Marlene Guirado

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonas Eliakim

Produção editorial Aline Fernandes

Revisão de texto Davi Pacheco

Imagem da capa iStockphoto

A publicação desta obra em formato Open Access somente foi possível graças ao apoio do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (Instituto de Psicologia – USP) que, sensível à necessidade de apoiar a divulgação de pesquisas científicas de seu corpo docente e colaboradores, destinou a esta publicação recursos provenientes da verba PROAP, concedida aos Programas de Pós-graduação brasileiros pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), à qual também sou grato.

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do
Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa,
Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer
meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Guirado, Marlene
Desenvolvimento afetivo na psicanálise de Freud :
um recorte possível / Marlene Guirado. - São Paulo :
Blucher, 2022.
102 p.

Bibliografia
ISBN 978-65-5550-256-5 (impresso)
ISBN 978-65-5550-253-4 (eletrônico)

1. Psicologia do desenvolvimento 2. Freud,
Sigmund, 1856-1939 I. Título

22-1709

CDD 150.195.2

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicologia do desenvolvimento

Para você, Lu, sempre!

*E para você, pequena Lis,
porque a cada momento e a cada gesto, você é um elogio à vida!*

Conteúdo

Apresentação	9
PARTE 1	13
Sobre os sonhos	15
Inconsciente e Pulsão	25
Modelos de aparelho psíquico como modos de funcionamento	37
PARTE 2	45
Do ponto de vista genético	47
Da perspectiva das tramas imaginário-afetivas	51
Das diferenças constitutivas	59
Os caminhos possíveis da vida amorosa a partir de então...	67
PARTE 3	77
“O mundo que o bebê tem para chamar de seu”	79
Para concluir, de volta aos começos	95
Referências	99

Apresentação

A ideia desse livro vem da ministração da disciplina obrigatória de *Psicologia do Desenvolvimento II*, no IPUSP¹.

Pelo Currículo do Instituto, no segundo ano, temos dois semestres letivos dedicados ao estudo do tema, nos quais se abordam questões relativas à cognição (1º semestre) e à afetividade (2º semestre).

O critério básico adotado no Programa é que tanto uma quanto outra dimensão do desenvolvimento sejam tratadas do ponto de vista de autores representativos. É assim que tradicionalmente Jean Piaget e Sigmund Freud são os autores que respondem pelo conteúdo programático das disciplinas.

Aquela que se encontra já há mais de duas décadas sob minha responsabilidade é Desenvolvimento II e, como demonstrarei na apresentação do roteiro completo do livro, é parte constitutiva do Programa a discussão da viabilidade/necessidade de configurar uma psicologia do desenvolvimento no interior dos escritos psicanalíticos de Freud.

A extensão e a importância cultural da obra desse autor exigem que se argumente como e porque é possível resgatar nela, elementos teóricos, conceituais e/ou descritivos que, até mais apropriadamente que em outras, permitem falar do desenvolvimento de relações afetivas, desde os primeiros anos.

1 Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Os mecanismos psíquicos e seus efeitos nas posições assumidas na vida afetiva e social encontram nos conceitos de identificação e escolha de objeto amoroso um ponto de apoio para tratar dos matizes dos afetos. Tudo isso, considerando e desbancando a crítica que Freud comumente recebe de ter feito sua psicanálise pelo método retrospectivo, dos adultos que atendia em sua clínica, ao desenvolvimento normal das crianças.

Se, de um lado, é preciso demonstrar que uma psicologia do desenvolvimento na psicanálise é possível, de outro, ao fazê-lo, verifica-se a força de uma teoria consistente como essa, que parte do conceito de inconsciente como determinante, em última instância, das relações afetivas.

Tal perspectiva, no entanto, exige uma seleção cuidadosa de textos na produção freudiana, para a indicação de leitura direta nas Obras Completas. Exige, ainda, um exercício de organização das leituras, de tal forma a configurar o recorte e o âmbito de sentidos acima apontado. Este é o trabalho que fica por conta de aulas expositivas e de discussões com a sala na disciplina que ministro.

Pode-se reconhecer, aí, a importância de um livro que fizesse tais relações, mostrando, no mesmo ato, as aberturas do discurso de Freud para um campo de possibilidades de pensar o desenvolvimento da afetividade.

Não apenas o “território doméstico” (currículo do curso de formação de psicologia da USP) seria beneficiado com o referido livro. A expectativa que se tem com essa publicação é evidenciar, também, a viabilidade/necessidade de algumas perspectivas no ensino de psicologia, com extensão para outros cursos que não o do IPUSP: (a) a psicologia do desenvolvimento como uma área da psicologia que define um objeto do conhecimento, no intercontexto de práticas discursivas e de produção de saber; (b) que a psicanálise pode ser uma delas; (c) ao pensar o desenvolvimento psicológico do interior dessa disciplina, há que se considerar o recorte que, em vários sentidos, se imporá ao estudo (aspecto do desenvolvimento em foco, fundamentos e suposições teóricas em jogo, e assim por diante); (d) que não seria diferente se a abordagem fosse outra, por exemplo, se se tratasse do estudo do desenvolvimento cognitivo, por Piaget; (e) que, exatamente por isso, aquilo de que se trata no plano da teoria não é a criança concreta com que nos encontramos no dia a dia, mas

sim, um modo de explicá-la, de formulá-la ao pensamento; (f) que, dentre as especificidades das abordagens teóricas, além dos aspectos do desenvolvimento a que se referem, seus objetos de conhecimento se definem em torno de o *que* é o desenvolvimento, *como* ele se dá e *por quê*; (g) é assim que, se por um lado, pode-se valorizar uma contribuição particular que a psicanálise pode dar com a solidez e a história de seu saber, de outro, relativiza-se tanto essa quanto qualquer outra teoria, como o verdadeiro e único modo de compreensão sobre o que se passa com uma criança, adolescente e/ou adulto, no que diz respeito ao desenvolvimento psicológico; (e) isto é, ao pensar estrategicamente a psicanálise, pensamos a própria psicologia, em suas produções, como instituição do conhecimento.

O modo de fazer isso, neste livro, será a referência de cada capítulo dele a um ou mais textos em *As Obras Completas de S. Freud*, seguida da articulação ao conjunto do tema de um curso de Psicologia do Desenvolvimento.

PARTE 1

Dedicada aos estudos metapsicológicos de Freud, esta Parte do livro vai apresentar os conceitos de inconsciente, pulsão e aparelho psíquico, relacionando-os, na medida do possível, para que se possa reconhecer aí a direção dada por esse autor ao desenvolvimento afetivo, do nascimento à adolescência, com direito a justificar o papel organizador da vida psíquica adulta (formações clínicas) em torno do Complexo de Édipo, pedra angular da teoria do ponto de vista dinâmico.

Apenas um texto é indicado como leitura obrigatória: *Sobre os Sonhos* (Freud, 1901/1976). Escrito em 1901, como uma síntese do *A Interpretação dos Sonhos* (Freud, 1900/1972) que funda a psicanálise tal como reconhecida, ainda hoje, em suas hipóteses características, esse trabalho traz as considerações a respeito do inconsciente como mecanismo, como modo de funcionamento. Ou seja, numa relação revela-esconde, as imagens oníricas reapresentam, numa outra ordem, os pensamentos inconscientes que, por estarem sob efeito de repressão, reaparecem numa solução de compromisso, em deslocamentos e condensações, como sonho. Em decorrência, da mesma forma que os sintomas, por hipótese, os sonhos teriam sentido e poderiam ser analisados, conduzindo invariavelmente ao bojo de sua organização, um desejo infantil, que, em algum nível, assim se satisfaria.

O que se destaca nesse momento da escritura da psicanálise é que se desenha, num texto de densidade teórica suficiente para ser considerado aquele que funda a psicanálise no âmbito das representações, um inconsciente com perfil móvel, como modo de funcionamento. Imagens que se condensam e deslocam na produção de sentidos, e não sistemas ou energias à moda de verdadeiras substâncias constitutivas do psiquismo como o faz em 1915 (*O inconsciente*, 1915/1974). Apontar para *deslocamentos* e *condensações*, bem como a ambos como decorrência de um *movimento repressivo* sobre o desejo ou sobre um pensamento desejante (*wishfull thinking*) é muito diferente de

admitir um *espaço* psíquico *onde* se processam trocas de catexias, com qualidades particulares, que delimitam território próprio para operarem em contraposição a outros sistemas.

Sobre os sonhos

Da perspectiva que acabamos de indicar, traçaremos, a partir de agora, uma linha-mestra em *Sobre os Sonhos* (Freud, 1901/1976).

Esse texto é síntese do histórico livro *A Interpretação dos Sonhos* de 1900 (Freud, 1900/1976). Nele, a psicanálise desenha seu perfil de método interpretativo, que parte de representações, tal como surge na modalidade precípua da imagem (figurabilidade, nos termos de Freud) que, por suas características específicas, move o *non sense* atribuído a um inconsciente que a determina. Diferentemente da palavra, as imagens têm a qualidade de conferir movimento e plasticidade aos sentidos: podem ser compostas, fazendo deslizar detalhes de traços entre os personagens oníricos; e, nisso, seriam condição de possibilidade para pensar/interpretar os sonhos, como se interpretam os sintomas.

Em *Sobre os Sonhos*, datado de 1901, estas ideias-chave permitem o entendimento dos dois primeiros capítulos, sendo que a cada um, especificamente, caberia a tradução em uma tese.

No capítulo I, Freud mostra a seguinte tese: os *sonhos têm significado*.

Para tanto, faz como que um confronto, uma interlocução com outros saberes: a filosofia, a medicina e a opinião popular.

Na filosofia, destaca a compreensão dos sonhos como uma atividade superior da mente, admitindo, assim, significados.

Na medicina, destaca que podem ser concebidos como atividades isoladas do cérebro, sem qualquer sentido psíquico.

Na opinião popular, os sonhos se relacionam com previsões de acontecimentos no futuro, tendo, portanto, significado; por isso, podem ser interpretados por dois métodos: (a) substituição de fragmentos do conteúdo, conforme uma chave fixa, por outros significados, ou (b) substituição de um todo por outro todo.

Expressamente, Freud se coloca ao lado desta última concepção, dizendo que fará alterações de método de análise (mais fragmentação e menos substituição todo/todo) e de finalidade/origem (premonições e visão de futuro). Vejamos como isto se dará.

Porque têm significado, são analisáveis. Eis a tese que se pode depreender do capítulo II.

Têm significados estranhos à consciência, *como os sintomas*. E, por isso podem ser submetidos ao mesmo método com que se trabalham as enfermidades, isto é, a psicanálise.

A começar pela Associação Livre, porque, sem a crítica consciente, surgirá o material que se encontra ligado à ideia patológica, que foi seu ponto de partida. São associações involuntárias. Tudo isso, no dizer do próprio autor, Freud. Para ele, os sonhos são substitutos dos pensamentos inconscientes e, como tal, são plenos de sentidos e emoções, que cumpre à análise desvendar. Nada, portanto, de encará-los como fenômenos puramente fisiológicos, como quer a medicina.

Faz, a partir daí, a *distinção* entre *conteúdo manifesto* e *conteúdo latente*. O primeiro são as imagens de que me lembro. O segundo, a ideia patológica. Cabe ao trabalho de análise, a passagem do manifesto ao latente e, no sentido inverso, temos o trabalho de elaboração onírica que supõe sempre um indutor.

Termina este capítulo com duas perguntas que serão respondidas em capítulos posteriores: (1) que processos conduzem do latente ao manifesto? (2) por que há transformações nessa passagem?

Adiantamos aqui, ao leitor, as respostas a serem posteriormente confirmadas. Em (1), os mecanismos inconscientes de condensação e deslocamento. Em (2), a repressão.

Isto fica demonstrado, aos moldes desta psicanálise assim nascente, pela análise de um sonho do autor, que prima pela demarcação da fragmentação das cenas oníricas e de seus componentes imagéticos, a associação livre a cada fragmento e a reconstituição de um ou alguns sentidos. Como se pode perceber, esbanja-se aqui, a *concepção do inconsciente, como processos, funcionamento, mecanismos*. Ideia essa, que nos será muito cara para trabalhar a psicanálise como uma instituição do conhecimento e da prática clínica.

No capítulo III, outra tese se anuncia. A de que *há diferentes modos de transformação de conteúdo latente em conteúdo onírico (manifesto), devido às diferentes relações entre desejo e expressão*.

Em função disso, é possível falar em três tipos de sonho:

- os inteligíveis que, como sonhos de criança, trazem o desejo como imediatamente realizado nas cenas oníricas; constituem a melhor demonstração que contraria a teoria médica sobre os sonhos, bem como a maior prova de existência de indutores diurnos para eles; acontecem também em adultos, mas nesses casos, recomenda-se pesquisar mais a fundo a “determinação oculta”;
- os sonhos que possuem um conteúdo manifesto claro, mas que têm efeito desnorteador;
- sonhos desconexos e confusos, sem qualquer significado à consciência.

São esses os diferentes modos de transformação do conteúdo latente em manifesto, que permitiriam configurar relações possíveis entre o desejo e a imagem.

Tendo sempre em mente essas três teses, prosseguiremos com a *linha-mestra* que nos comprometemos a traçar, para a sequência dos capítulos, deixando ao próprio leitor construir seus ensaios de “teses” e lembrando que elas existem e estão centradas no que se abre como possibilidade de entender o *inconsciente como mecanismo*.

Nesse sentido, os capítulos IV e V são exemplares. São a resposta à primeira pergunta que se faz, no capítulo II (“quais processos conduzem do latente ao manifesto”). É assim que Freud pensa: levanta a bola e sai pra cortar! E, nesse caso, o corte é pra dizer que a imagem, por suas características próprias, permite que a realização do desejo produza por condensação e deslocamento.

A *condensação* é a responsável por revelar/ocultar o pensamento inconsciente, na medida em que dele junta fragmentos diferentes na composição de uma cena/imagem única que muitas vezes nos desconcerta, angustia e, em outras, parecem simplesmente dar conta de sensações inexplicáveis de alívio. Pessoas desconhecidas surgem como mais ou menos familiares porque têm o cabelo de uma e a estatura marcante de outra, figuras compostas sem referentes na “ideação de vigília”. Nós mesmos nos representamos de maneiras diferentes e até absurdas, com sentimentos e ações que, acordados, não poderiam nos afirmar. Duas ideias contrárias podem se representar na mesma estrutura composta. E assim por diante.

As palavras, à moda de uma figura, também condensam sentidos: por alteração da forma verbal, pela construção de rimas, pela ambiguidade (esta, sempre!). Todos os sentidos são válidos. E a realização de desejo pode se dar nos opostos que a cena pode produzir. É o paciente que confirma quando um destaque analítico desses mecanismos alcança sentidos e sensações que se põem como sonho.

A título de exemplo, o sonho de uma senhora que costumava fazer sempre apreciações estéticas da vida, de fatos cotidianos a excepcionais. Essa estética costumava suplantiar qualquer manifestação de sentimentos. Poder-se-ia dizer

que os afetos eram constitutivos dessas apreciações, na forma constante de comentários desse tipo: referências à beleza e à feiura de cenários e pessoas, sensações de peso e leveza, de intensidades e de estranhamentos... De si, dizia-se desafeta, apesar de os outros falarem que ela era muito importante para, e presente na, vida deles. Pois bem, dia desses, ela me conta que sonhou uma cena. E só! A cena foi a seguinte: ela estava com os pés no chão e via um lindo pássaro branco voando. Falou em voo leve, livre, silencioso e harmônico, como se ainda pudesse ver a cena...

Chamou-me a atenção ter comentado que estava com os pés no chão: por que afirmar uma coisa tão óbvia? Chamou-me a atenção, também, que havia opostos intrigantes no seu relato: ela se diz com pés no chão e com os olhos no infinito por onde voa um pássaro. Dois estranhamentos meus, sobre como construiu o relato dela. E formulei então uma pergunta, que parecia, até a mim, descabida, mas que fazia um ensaio de organização das indicações de sua narrativa. Daí vem o espanto maior: ela disse que sonhara isso na noite daquele dia que era o aniversário de morte de sua única irmã (assassinada pelo namorado, aos 16 anos, na porta da casa dela). Não creio que seja necessário prosseguir com o exemplo. Sem analogias para forçar interpretações tais como “o desejo era que a irmã estivesse agora livre como um pássaro” (até porque nenhuma de nós duas éramos dadas a mimesis do tipo), seguiram-se falas contundentes sobre a violência que representou, socorrer a irmã, já morta quando conseguiu tocá-la, e cobrir-lhe o rosto com seus próprios cabelos. Paro por aqui. Por ética e por estética afetiva.

O deslocamento é o mecanismo inconsciente considerado por Freud como o que mais promove a ocultação do conteúdo latente, na medida em que se presta a deslocar o sentido principal do sonho, para detalhes narrados de passagem, supostamente insignificantes. Os efeitos do assinalamento de alguns desses deslocamentos são surpreendentes.

Creemos que uma situação concreta, outra vez, poderá elucidar o modo como entendemos e acionamos, numa análise, o cenário onírico.

Aos trinta e alguns anos, com uma história pouco típica de criação, sobretudo pela mãe, Carolina narrava, com frequência e dor, registros de memória

de se ver exposta a agressões e surras em qualquer parte do corpo, mormente na cabeça. Aliás, como filha de pais funcionários públicos de alto escalão, não havia nada que justificasse ter sido submetida a práticas de punição física tão arbitrárias. A mãe, personagem constante em seus sonhos, aparecia, ora mais e ora menos, sem despistamentos. Sempre dando contorno a diversas feições de violência, de muita raiva. Uma sonhadora, esta mulher, que tanto produzia (como ainda produz) ricos e complexos enredos oníricos. Uma excepcional colaboradora na análise de sentidos possíveis para essas suas produções.

Um marco desse processo analítico foi a narração do seguinte sonho. Diga-se, alguns meses após a morte de sua mãe...

Ela estava na sala de uma casa que poderia ser a dela, diante de uma estante de parede inteira, e madeiras azuis no assoalho. Sai à porta da frente, e vê, na calçada, um cachorro, muito machucado na cabeça, chorando. Todo o peso afetivo foi dado à cena do cachorro, que pelo que se pode ler acima, trata-se de uma imagem que a representava em seu sofrimento. De tudo isso falou-se com a atenção devida às emoções que tais lembranças despertavam. Em um determinado momento, comentei o estranhamento que me causara uma sala com piso de madeira azul. Foi então que estabeleceu uma relação entre a cor desse piso e a da estante do lugar onde foi morar, logo que assumiu vaga alcançada por concurso (também público), e para onde levou todas as suas miniaturas e brinquedos que guardara desde pequena. Eles passaram a povoar a estante azul, até quando, alguns anos depois, voltou para sua cidade, vencido o tempo de exercício compulsório do cargo em regiões mais afastadas, pelo que rezam os concursos. O mais surpreendente, no entanto, estava por ser recordado. Ao ir embora, doou todos os seus brinquedos e miniaturas para as pessoas dessa localidade.

De surpresa em surpresa, fomos tratando de um aspecto “nunca dantes abordado”: o modo como ela mesma se tratava, privando-se de coisas muito queridas, desfazendo-se delas, como quem poderia, pelas próprias mãos e atos, punir-se. Outras vezes procedera assim, consigo, e disso também se recordou, como um memorável desfecho da interpretação de um sonho...

Urge, no entanto, voltar ao texto de Freud, apesar de não o termos, de fato, deixado de lado. Apenas nos permitimos operar com a compreensão que temos de suas propostas.

O capítulo VI parece dedicado a *fundar a ideia de inconsciente como mecanismo*. Dizemos “parece”, porque aquilo de que nosso autor trata aqui é esclarecer “as regras” da produção onírica. Nós é que pensamos: “portanto, regras da produção inconsciente”. E temos certeza de que o leitor concordará com essa conclusão.

Como se produz o sonho e/ou o inconsciente?

Diz Freud: por imagens e metáforas que representam de forma distorcida as experiências da primeira infância, cristalizadas num núcleo que atrai e afeta a distribuição dos pensamentos oníricos, que se fragmentam nas representações imagéticas, características desse processo psíquico. Tais conteúdos apresentam-se numa curiosa organização que destrói relações de causa e efeito, mas mantém alguma possibilidade de lógica, no plano desses pensamentos, pela substituição deles na linguagem típica das imagens. Assim, os sonhos podem reproduzir uma relação causal por uma sequência de cenas, ou pela transformação de uma em outra. Podem substituir uma conexão lógica por uma aproximação no espaço e no tempo, uma espécie de classificação em grupos conceituais. Ao combinar a totalidade do material numa situação única (condensação), pode-se pensar que composições de personagem ou circunstância, narradas como alternativas, nada mais sejam do que a somatória deles; onde estiver um “ou (...) ou”, ouça-se/aposte-se num “e”. Mais ainda: a oposição entre dois pensamentos pode aparecer como transformação de um conteúdo em outro; com isso, a inibição de movimento na própria cena sonhada acontece de ser a expressão de contradição entre dois impulsos, um conflito de vontades. Por fim, a impressão de absurdo num sonho vem a significar a presença de contradição, ridículo e vergonha no plano do conteúdo latente.

Todos esses processos descritos pelo autor sugerem que o estranhamento provocado à consciência pelos sonhos é efeito de deslocamento e condensação e, exatamente com isso, que para além das características próprias da imagem,

o sonho, assim como o sintoma, é uma organização psíquica plausível à consciência das pessoas.

Está na hora de retomar a questão que Freud, retoricamente, nos levanta no capítulo II: por que há uma alteração dos conteúdos latentes quando se organizam manifestamente? Podemos ter que a *repressão*, colocada neste texto como *censura*, opera as deformações necessárias para que um sonho seja construído e lembrado; e o faz, condensando e deslocando. Em tais movimentos, o surpreendente é que não fazemos a menor ideia de que isso nos acontece. Mecanismos inconscientes, portanto, na determinação da vida psíquica...

Uma discreta ação da censura na formação dos sonhos é o que Freud chama de considerações de inteligibilidade. É a elaboração, a pincelada, final do sonho, despistando os sentidos e motivos a que veio. É uma espécie de acabamento do trabalho de elaboração onírica, que nada teria de criativo e conclusivo, trazendo apenas uma primeira interpretação “palatável” para a pessoa; elementos de narrativa. Entretanto, como uma espécie de fachada do sonho, guarda caminhos para o núcleo determinante do sonho. Basta que se entenda que esses caminhos são o da elaboração analítica, de desconstrução das condensações e dos deslocamentos. Como fachada, também, quanto mais bem acabada, mais despista o que a elaboração onírica fez distorcer. Os sonhos menos inteligíveis são os mais fáceis de interpretar. É que os sonhos desconcertantes à consciência estão tecidos pela angústia que costuma driblar a repressão, permitindo a presença daquilo que deveria permanecer oculto, de forma muitas vezes pontual; a presença do desejo.

Desse modo, esclarece-se que a repressão é processo constitutivo tanto dos sonhos como dos sintomas. Se os repetimos, é para enfatizar o que só muito mais tarde (1925), Freud afirmará em *Inibição, Sintoma e Angústia*: os sintomas são substitutos da realização de desejo. Por decorrência teórica, os sonhos, pelo tipo de relação desejo/repressão, re(a)presentariam o desejo como realizado. É assim que os sonhos que deveriam ser percebidos como aflitivos, mas não o são, denunciam a atuação forte de deslocamento, realizando com bom disfarce o desejo reprimido.

Um enunciado de grande importância será tratado nos capítulos finais de *Sobre os Sonhos*, fechando o foco sobre o porquê sonhamos e enfatizando a relação entre realização de desejo e repressão.

Os sonhos são guardiões do sono é a frase contundente que mostra e nos traz de volta à hipótese de que os sonhos infantis, na medida em que apresentam um desejo que, durante o dia, foi impedido de satisfação e se realiza nas cenas oníricas.

Está aí a famosa frase que uma criança pequena que teve de se conter para não comer morangos, nas horas de vigília, disse enquanto dormia, com expressão de visível satisfação: “Morangos! Morangos silvestres!” Muito provavelmente estivesse se refestelando com a apetitosa cesta de morangos que teve que recusar enquanto estava acordada.

Se, para as crianças, a extinção do desejo é resultado da satisfação creditada pelas imagens oníricas, esta não é uma operação facilitada aos adultos. Porque: (a) os pequenos não fazem exatas distinções entre realidade e fantasia e, portanto, as inibições aos impulsos não se “pronunciam” como acontece nos adultos; (b) nestes, sim, as inibições são mais consistentes e ativam a censura/repressão, provocando, então, mais deslocamentos e condensações; (c) a função desses mecanismos, bem como sua intensidade, é a de proteger o sono, relaxando o corpo e a percepção do exterior; (d) como sempre permanece um tanto de atenção livre para afastar estímulos externos, essa atenção volta-se para dentro, de tal forma que a pessoa acorde quando alguma revelação do conteúdo reprimido estiver por acontecer; (e) e assim ela poderá continuar dormindo e sonhando.

Como os desejos que precisam ser disfarçados a qualquer custo porque têm natureza sexual-infantil, bem como precisamos descansar e dormir, trava-se uma luta produtiva entre a satisfação possível do desejo na produção das imagens e a proteção necessária conferida pelo sono. E faz todo sentido pensar nesse protagonismo onírico para as garantias psíquicas e as físicas de qualquer um de nós!

É dessa maneira que Freud insiste ao final, que os sonhos precisam ser interpretados, sempre, a partir da história que construímos nos vínculos precípuos que estabelecemos. E eles são, invariavelmente, ligados pela, e com,

a sexualidade que investe nossas relações afetivas, sobretudo, com as primeiras figuras de investimento amoroso. São questões assim sérias que nos inserem nas comunidades regionais e culturais; e, se, de alguma forma, elas vestem os sentidos e os desejos que o sonho organiza, há que se explorar, na análise, porque e como a história pessoal assim se veste. Não é o caso de trocarmos um todo pelo outro, ou considerar os sonhos como previsões de futuro, como diz a opinião popular sobre eles. Há que partir daquilo que se apresenta na cena e na imagem tal como as sonhamos (conteúdo manifesto) para buscar configurar, na trama de registros (conteúdo latente), o que se busca realizar/satisfazer.

Inconsciente e Pulsão

Na sequência, será discutida a variação do conceito de inconsciente, no conjunto da teoria, dependendo do contexto em que ele é trazido à cena discursiva da psicanálise.

O recorte que fazemos nem sempre coincide com os comentários habituais a respeito da teoria psicanalítica sobre o tema. A ideia é, de início, declarar que um conceito de inconsciente vai se construindo e delineando em diferentes formas conforme o contexto da produção da própria psicanálise. De tal maneira que se poderia falar que não há um inconsciente apenas em Freud, muito embora tenha sido creditado, historicamente, o dos escritos metapsicológicos da década de 1910.

Nosso recorte nos permite pensar que, conforme a propositura do autor, há uma ênfase ora num *inconsciente como função* (modo de funcionamento psíquico), e ora num inconsciente *como conteúdo ou sistema*. A insistência nessa distinção, claro que admitindo um solo comum entre ambas as concepções, deve-se ao fato de nosso recorte destacar a possibilidade de operar com o termo, para pensar numa psicologia do desenvolvimento que privilegie os mecanismos de produção de memórias e de seu desvendamento analítico. De nossa parte, há, com isso, esforço no sentido de garantir uma espécie de dessubstancialização do conceito. E, nesse sentido, no capítulo anterior, apresentamos o modo como os sonhos, da produção onírica à produção analítica,

pode ser tratado como mecanismo/funcionamento. Buscaremos demonstrar, ainda o mesmo movimento, nos textos *Introdução ao Narcisismo* (Freud, 1925/1976a), *O Estranho* (Freud, 1919/1976) e, *Bloco Mágico* (Freud, 1925/1976). Mesmo os conceitos de transferência, repressão e resistência podem ganhar as tensões típicas desse caráter móvel das operações inconscientes. No entanto, quanto mais nos aproximamos do âmbito dos conteúdos reprimidos e recalçados, mais identificamos o inconsciente como “algo” e, melhor, como “algo relativamente estático” que, como um núcleo de experiências infantis, assim se mantém e volta sempre a incomodar, sem alterações significativas e retroativas das experiências de vida que se seguem aos vínculos com as figuras parentais.

Falamos, aqui, de forma bastante esquemática. E não poderia ser diferente para as finalidades de um livro como este, sobre desenvolvimento afetivo a partir da psicanálise de Freud. O importante é marcar que esta meada que estamos desfiando tem a cara dos recortes que fazemos, das perspectivas que temos ao ler ou pensar uma determinada teoria sobre um objeto.

Detalhemos.

O inconsciente como representante da pulsão

De certo modo, há uma relação constitutiva entre os termos inconsciente/representação/pulsão, para que as coisas se passem desse jeito no plano das teorias sobre o inconsciente.

A concepção mais nuclear, nesse sentido, é a do *inconsciente como representante da pulsão*. Pode-se depreendê-la das mais diferentes construções freudianas a respeito do tema, em diferentes e importantes contextos de sua obra. Como dissemos anteriormente, os textos *O inconsciente* e *O instinto e suas vicissitudes*, ambos de 1915, dão o escopo metapsicológico dessa definição. E implica, imediatamente, a psicanálise no seio das representações. Tanto que essa trilogia (inconsciente/pulsão/representação) vai sustentar o edifício psicanalítico, desde a interpretação dos sonhos, inclusive como método, tendo como regra de ouro a associação livre. Tanto ainda que, ao postular a pulsão

de morte como originária e não-representável, no *Além do Princípio do Prazer* (Freud, 1920/2010a), é perceptível o cuidado que o autor tem para postular também o funcionamento psíquico de descarga de tensão no meio, sempre por uma mescla das pulsões de vida e de morte; qualquer dissociação grave nesse processo deixa a ação da morte livre no interior do organismo, o que seria fatal.

Por isso, a representação deveria ser pensada como a única possibilidade de falar em inconsciente a partir das teorias das pulsões.

Para o entendimento dessas implicações todas, serão didaticamente expostos no presente capítulo deste nosso livro a respeito do desenvolvimento afetivo em Freud:

- O conceito de pulsão.
- As duas teorias da pulsão.
- A pulsão de morte teorizada em 1920.
- Pulsão de vida e mescla das pulsões.

O conceito de pulsão data de o *Instintos e suas Vicissitudes* (Freud, 1915/1976). E lá, surge como um estímulo que nasce no interior do organismo, causa tensão interna e busca descarga fora, no meio ambiente, por meio de um comportamento que alivia essa tensão. Esse comportamento, em princípio, é o que permite um investimento da energia libido em objetos, que por sua vez não são parte da pulsão; são apresentados pelo mundo como alvo da catexia. E, mediante esse movimento, produz-se um representante psíquico, ponta de lança da pulsão. Os afetos envolvidos nesse processo também se representam e são a possibilidade de vida psíquica, para além do nascedouro orgânico de todo o processo.

O caráter psicológico da pulsão é o das representações, em princípio. Elas é que constituirão o mundo interno das pessoas: os objetos-alvo da catexia são introjetados e, inelutavelmente, passam a ser a única realidade possível para cada um de nós (os “fatos psíquicos”). Desdobra-se em várias tramas cênicas, até a do Complexo de Édipo, com suas fantasias, sentimentos, representações e identificações. A pensar com Freud, é este o drama afetivo que responde

pelo desfecho da organização genital infantil bem como pelos quadros de neurose/psicose e perversão, como mais à frente explicaremos.

É importante ainda afirmar que o movimento da pulsão se dá pelo princípio do prazer, em primeira e última instância. É ao prazer que visaria seu exercício. O princípio da realidade vai ter existência, na medida em que se dão os confrontos com os objetos e coisas do mundo externo. Frustrações e satisfações, bem como a diferenciação de funções egoicas. Embora estejamos, no momento da escritura desse *Os instintos e suas...*, ainda na primeira tópica do aparelho psíquico (Inconsciente/Pré-consciente/Consciente, como veremos no capítulo específico desse tema), podemos entrever as atribuições de contato com o mundo, que caracterizam o Ego da segunda tópica, num equilíbrio de forças e controles com o Meio Ambiente, o Id e o Superego.

É importante ainda mencionar que, até 1920, Freud pensava com a primeira teoria dele sobre as pulsões. Seguem-se algumas palavras de digressão a respeito.

A rigor e ao entender dos comentadores, pode-se dizer que *há duas teorias da pulsão*.

A *primeira teoria* é aquela que divide as pulsões entre sexuais e de auto-conservação. A energia que as caracteriza é a libido, seja lá o que for essa energia, uma definição pouco esclarecida na época e que foi, mais tarde apresentada como tudo o que leva à aproximação. De natureza erótica, desde suas primeiras manifestações no corpo, como atividade autoerótica (como mais demoradamente trataremos no capítulo dedicado ao desenvolvimento da psicosssexualidade), até as escolhas objetais e identificações que paulatinamente vão se constituindo. Os cuidados diários oferecidos à criança, como a alimentação e a proteção diante de perigos reais, por exemplo, são a ocasião das catexias libidinais nos objetos primários de vínculo afetivo. São funções egóicas as que respondem por esse suporte à libido propriamente dita. Por isso são chamadas de pulsões de autoconservação do ego. Sua caracterização como libido é a inferência básica para assegurar que eros e libido são vida. E a sexualidade aqui não tem os alvos diretos que passamos a reconhecer no final da primeira infância.

A *segunda teoria* marca uma verdadeira revolução nos propósitos da própria psicanálise, no plano da metapsicologia e da clínica. É a divisão entre *pulsão de vida* (que agrupa a divisão anterior entre pulsão sexual e de auto-conservação) e *pulsão de morte*, teorizada em 1920. Dediquemo-nos, a partir de agora, a tratar do assunto.

Em 1920, Freud escreve o *Além do Princípio do Prazer* (Freud, 1920/2010a). Parte de observações *acerca* do comportamento de uma criança que, reiteradamente, “brincava” com um carretel, remetendo-o à distância e puxando-o de volta, enquanto pronunciava as palavras *fort da*; numa espécie de jogo que repetia a saída e o retorno da mãe. Seguem-se comentários *sobre sonhos e neuroses traumáticas*. Com as três situações parece munir-se, em princípio, de “evidências” psicológicas do mecanismo compulsivo de repetição de experiências que *não se prestavam à satisfação e ao prazer* (portanto não agiam pelo princípio do prazer). Imagens acompanham o desencadear de gestos, mas tudo se repete num “sem sentido”, o da própria compulsão a repetir o desagradável.

Na sequência, no mesmo texto, busca argumentar, com base nos estudos biológicos da época, que o próprio organismo funciona para vida e para a morte por diferenciação de tipos de células. Uma heresia para o discurso científico, tal raciocínio foi garantido por Freud, pela teorização de *princípio tão originário quanto o da pulsão de vida*, que deixado à própria sorte, por uma ação interna a esse organismo, o levaria à morte. Na direção oposta à da sexualidade, *não tem vocação à saída para os objetos do mundo e sequer se representa*. É assim que acaba afirmando em dado momento que é a vida que atrapalha a morte, e não o inverso, como se costuma pensar. E, isto porque:

A possibilidade de investimento de energia fora do próprio organismo, de enlaçar objetos e de se representar, de fantasiar, esse enlace, faz da pulsão de vida (segunda teoria das pulsões que opõe pulsão de vida e pulsão de morte), uma tensão constante a impedir a realização de um caminho automático para a morte, pelo princípio da inércia.

Assim pensado o jogo das pulsões, faz sentido considerar que o psíquico é da ordem da sexualidade e da vida; a morte não dirige a qualquer formação psicológica. É desse modo que mesmo a repressão, mecanismo (psíquico) aparentemente tão contrário à sexualidade, não se alista entre as ações da morte; isto, por uma única razão: ela supõe o tempo todo o jogo idéia/afeto e, com isto, estamos na ordem do psicológico.

Como Freud resolve o impasse? Afirmando, como o fizera na primeira teoria, que as pulsões se exercem sempre como uma mescla e não isoladamente. Isto quer dizer que sempre que a pulsão de vida é investida, carrega consigo um tanto de pulsão de morte; o que se mostra na ação que satisfaz a pulsão (agora, desejo) é o sadismo (entendido na primeira teoria como uma pulsão parcial, agressiva, que se desviaria da corrente principal, para se desenvolver com relativa independência). Seu correlato, o masoquismo, é referido ao que, apesar de enlaçado à vida, permanece no sujeito (FREUD, 1924/1976). Pela última teoria, portanto, o sadismo e o masoquismo, resultam da mescla e não da satisfação isolada da sexualidade ou da “morte nossa de cada dia”.

[...]

O sujeito psicanalítico, aquele que o discurso teórico da psicanálise formula, é o da mescla das pulsões de vida e de morte que, no limite da autodestruição, se salva pela capacidade de amar e se ligar aos objetos, seja qual for a qualidade dessa ligação.

É assim que Freud marca o traçado da morte na vida psíquica. E, uma vez mais, o criador sustenta, no discurso da teoria e da metapsicologia bem como no exercício argumentativo de coerência interna ímpar, sua criatura. Mesmo que, ao final do minado texto Além do Princípio do Prazer (FREUD, 1920/1976), tenha afirmado que o que escrevera não passava de especulações, como não passa

de especulações, a metapsicologia. E seu discurso retoma sua preciosa indeterminação... (Guirado, 2010/2018, pp. 92-93)

Derivações da concepção do inconsciente como representante da pulsão

Voltemos ao caminho dos modos como Freud conceitua o inconsciente.

Pela teoria sobre pulsão e representação, como vimos, o inconsciente se constitui como o conjunto de representantes da pulsão, agrupadas em sua primeira teoria, como pulsão sexual e as de autoconservação. Pode-se pensar que, por decorrência lógica, trata-se de uma proposição, sob o crivo de conteúdos e não de modos de funcionamento.

Nesse sentido, em outras ocasiões, antes da segunda tópica do aparelho psíquico, é notória a relação que faz entre o *inconsciente* e o *reprimido ou recalado*. Sempre com considerações devidas a um outro termo forte da psicanálise que é o de *protofantasias*: estruturas fantasmáticas que organizam, que informam, as experiências sexuais infantis; são esquemas pré-individuais, universais, um patrimônio filogenético. São quatro esses quadros de representações que, em princípio, contêm a expressão livre das pulsões, sejam quais forem as experiências pessoais: vida intrauterina, cena originária, castração e sedução.

Mais uma aproximação a essa concepção sob o crivo do conteúdo: o inconsciente como o infantil, clivado do subconsciente, por ação do recalque.

Narcisismo: uma terceira teoria das pulsões

Apesar de a teoria sobre o narcisismo não ser apresentada pelos comentadores de Freud – e mesmo por ele, o foi uma vez apenas, no *Mal-Estar na Civilização*, em 1930) como uma teoria das pulsões, neste capítulo do livro,

o propósito é resgatá-la como tal e demonstrar seu valor heurístico, por várias razões. Sobre tudo por colocar uma vinculação muito especial entre Pulsão e Relação.

- Freud escreve, em 1914, um texto chamado *Introdução ao Narcisismo*, em que forja uma interlocução com Jung e Adler, discípulos e dissidentes que, àquela altura, pretendiam que ele revisse sua teoria sobre os superpoderes da libido como energia sexual, atribuindo-lhe um caráter de interesse geral pelas coisas e pelo mundo.
- Freud reluta, diz “não!” e procede a uma alteração, que nos parece de peso: fala da importância de se considerarem os deslocamentos da libido, para dentro ou para fora do ego, como libido de ego e libido do objeto, postulando ainda um narcisismo primário (primeira versão de libido do ego), libido originariamente investindo, de dentro, o próprio ego que, nesse momento da teoria é equivalente ao *self*, a totalidade psíquica.
- É esse narcisismo primário a condição de qualquer relação que venhamos a estabelecer na vida, uma vez que é por ele que nos estendemos no meio e atingimos o outro, aquele que poderá se constituir mais tarde o objeto da libido. Por essa extensão em princípio indiscriminada, mas que vai procedendo a distinções, constituímos o mundo e nossa experiência nele, com todos os efeitos de retroversão para o interior do eu (narcisismo secundário, outra versão da libido do ego).
- Assim, Freud inverte o sentido corrente do termo narcisismo (amor a si próprio) e, mais importante, inverte o crivo para definir sua teoria das pulsões: não importa a “natureza” da libido, se ela é sexual ou interesse geral (não creio que Freud chegasse a tal desprendimento... mas, no mínimo, suspende a questão da natureza/qualidade da energia da pulsão sexual); o que importa é a direção que ela toma. O narcisismo como teoria das pulsões acaba sendo um modo de explicação da relação com o mundo.
- Não bastasse isso, decorre desses deslocamentos a produção de uma imagem idealizada de si, que funciona como um controle interno das possibilidades de ser do ego real. Aí, a explicação pelo narcisismo da

ação crítica do superego que só foi teorizada (e como “instância”, não propriamente como mecanismo, como modo de funcionamento), 9 anos mais tarde.

Prossigamos no próximo item com a proposta de apresentar alternativas para tratar do tema, sempre em Freud, para além da divisão “primeira e segunda” teorias das pulsões.

O estranho e o bloco mágico: da função despida de sentidos aos registros modificáveis da e na história de vida

Pode parecer um vai e vem sem fim este capítulo sobre inconsciente e pulsão. Mas, o recorte que fizemos, para trabalhar uma psicologia do desenvolvimento na perspectiva freudiana, exige-nos estabelecer relações entre termos do discurso dessa psicanálise e não, propriamente, uma exploração cronológica. Valem muito as implicações entre esses termos para a construção de dispositivo teórico, numa obra assim tão extensa e intensa. Como exemplo, temos o título deste item: vai do inconsciente como função pura e sem sentido, reversão de tudo que dissemos até aqui, àquele que se pode dizer ser uma organização de todos os sentidos que construímos na vida. E mais, os dois têm intervalo de cinco anos entre eles. A ruptura que representa *O Estranho* de 1919 (Freud, 1919/1976), parece recoberta em *O Bloco Mágico* (Freud, 1925/1976), de 1925. No entanto, deve-se destacar que a escritura do primeiro se dá no contexto do pensamento que vai trazer a hipótese da pulsão de morte (1920) e prepara-lhe o terreno. Pensar os registros do Bloco Mágico, por sua vez, traz as possibilidades de *relação da consciência* e da percepção, com a memória inconsciente, de um modo muito particular, fazendo-nos retomar e reorganizar a primeira tópica do aparelho psíquico em outras bases. E mesmo que a segunda (ego, id e superego) tenha sido escrita um ano antes, ela parece aqui ceder lugar para uma teoria que não substancializa, pelo contrário, flexibiliza o modo de funcionamento subjetivo, da percepção ao inconsciente.

Acima de tudo, confluem os dois textos, para dar contornos à descoberta (ou, à invenção) fundamental da psicanálise, o inconsciente.

Tornemos essa explanação mais clara. Já sabendo que ela anda no tempo e no contexto da produção freudiana.

De que trata *O Estranho*?

Trata do inconsciente para além da repressão, sem abandonar de todo a hipótese do reprimido ligado à castração, e discutindo, ao mesmo tempo, a possibilidade de vivenciarmos experiências como sensações que não se nomeiam e que provocam um efeito de desentendimento, descontextualização, estranhamento. Exemplar desse efeito se observa quando repetidas vezes, apesar de nossos esforços conscientes, nos flagramos voltando para um mesmo lugar, ou então, quando, num relance, não nos reconhecemos diante de um espelho. Cita-se em condições semelhantes em vários episódios de sua vida, voltando, distraído e involuntariamente a uma rua, onde uma mulher se punha à janela de sua casa; ou, voltando para sua cabine de trem, em viagem, depara-se com a presença de um senhor um tanto antipático, em pé diante dele; por segundos, viu-se no espelho da cabine, como se fosse outra pessoa, como se fosse um estranho. Numa primeira explicação, temos no que se repete o retorno do reprimido. Mas, apoiado na ideia que o termo estranho tem significado etimológico ambíguo que migra para o sentido oposto que é o de familiar, Freud percorre outro caminho para falar dessa sensação *não alcançada pela palavra*. Trata o estranho como o outro de si, como um duplo que, de início, pela ação do narcisismo, foi nossa garantia de vida; no entanto, com o tempo e os embates com o mundo e com o si, o duplo passa a ser o estranho anunciador da morte; fora do campo do representável, portanto; efeito da compulsão à repetição. Um inconsciente-efeito.

Toda essa trama teórica é apresentada como a organização psíquica que um conto de E. T. A. Hoffmann, o *Homem de Areia*, demonstraria como processos que acontecem com todos nós. Um belo e intrigante conto que é ocasião de um passo fundamental da psicanálise, rumo ao irrepresentável. Um texto de difícil leitura, mas que vale a pena conhecer. Freud dá em seu texto uma satisfação do drama do personagem de Hoffmann, ilustrando com

isso, não propriamente o inconsciente do autor, mas sua capacidade de colocar em discurso literário a teoria psicanalítica. Pode?

E o *Bloco Mágico*?

Ah, esse... é a analogia mais que perfeita que existe para falar do inconsciente freudiano. Em seis páginas, nosso autor, de próprio punho e pena, coloca-o no centro estratégico que nos faz pensar porque ele pensa assim e não de outro modo a construção de uma memória de que não se tem consciência, mas que determina a vida psíquica. *Não de forma linear*, mas em rede e com a possibilidade de atualização constante; que responde pela transferência para além do que foi inicialmente teorizada; que responde pelo desenvolvimento afetivo e homossexual; pelas conquistas e pelos desatinos. Tudo se articula e se encaixa no modelo freudiano e no conceito de inconsciente de Freud!

A densidade do assunto deste capítulo e as dificuldades desta autora na sua escritura exigem que o leitor, se for de seu interesse, se aprofunde nos textos de Freud já citados para que os assinalamentos aqui feitos ganhem mais sentido.

Modelos de aparelho psíquico como modos de funcionamento

Com a teoria sobre o narcisismo, passamos à possibilidade de pensar em aparelho psíquico a partir da apresentação do ego nos confrontos com o meio. Já se anuncia, aqui, a marca que vimos imprimindo no recorte dos textos que permitiram posicionar o contexto teórico da psicanálise de Freud, onde se pode configurar uma psicologia do desenvolvimento afetivo.

Neste capítulo, vamos tratar daquilo que se habituou chamar, na literatura, de *modelos (de aparelho psíquico)*. Mas, os tomaremos *como modos de funcionamento psíquico*. Nossa intenção é a mesma: “dessubstancializar” o psiquismo, retirá-lo, o quanto possível, da ideia de lugar físico, instância materializada, da ideia de sujeitos que, independentes entre si, agem no interior de um... si.

Mesmo assim, as informações sobre o surgimento do tema, na obra freudiana, serão dadas. Nomeadamente:

- o primeiro modelo de aparelho psíquico em *A Interpretação dos sonhos* de 1900 (Freud, 1900/1972), como inconsciente/pré-consciente/consciente. A primeira tópica, como se costuma dizer.
- o segundo modelo de aparelho psíquico em *O Ego e o Id* de 1923 (Freud, 1923), como id/ego/superego. A segunda tópica.

Faremos um acréscimo, no entanto, pelo recorte que nos instrumenta no estudo da obra de Freud.

Em 1924, escreve um texto bastante “enxuto”, denso e contundente, que, reputamos, pode ser considerado um terceiro e criativo modo de conceber como funciona o psiquismo: *O Bloco Mágico* (Freud, 1925/1976). Conforme terminamos o capítulo anterior, encontra-se aí uma analogia produtiva, uma metáfora de memória que permite trabalhar conceitualmente com a hipótese do inconsciente, reunindo as qualidades do conteúdo articuladas às qualidades da função, do efeito alheios à consciência.

Defendemos, com tal interpolação às teorias sobre o aparelho psíquico, colocar em discussão a possibilidade de, por exemplo, pensar o ego como o conjunto de funções que fazem o confronto com o meio, desde a percepção e a locomoção, até o pensamento e as defesas psíquicas; portanto mover a contenção do modo de ação imediato para a satisfação, acionando pensamento e linguagem para a obtenção de prazer em determinadas situações, sem estourar os limites suportáveis de convivência consigo próprio e com o meio (outro jeito de falar de princípio de realidade).

Será, conforme o recorte que fazemos na obra freudiana, com o texto *Uma nota sobre o Bloco Mágico* (1925/1976), que se desenhará o último modelo de aparelho psíquico e de memória inconsciente, que reconhecemos nela. Daremos destaque, ao considerar as questões relativas às histórias que se constroem na vida afetiva, à inventiva maneira de nosso autor explicar: (a) como funcionamos da experiência concreta ao registro inconsciente; (b) a impossibilidade de um registro ser a cópia da experiência; e (c) a constante alteração das marcas inconscientes, exatamente para que se possam dizer inconscientes.

Feitos esses apontamentos, seguimos com a ordem das coisas tal como prevê a leitura mais creditada dessa psicanálise.

A primeira tópica

Tópica e modelo são termos que indicam configuração de espaços, de lugares, com atribuições específicas. É assim que Freud formula, como

instâncias psíquicas, seus aparelhos psíquicos. E é, também assim, que ele traz em *A interpretação dos sonhos* (1900/1972), a primeira organização formal de um modelo: *inconsciente, pré-consciente, consciente*.

No capítulo I deste livro sobre psicologia do desenvolvimento, apresentamos a concepção de *inconsciente*. Acontece que *ali, predominantemente*, o inconsciente é apresentado e discutido *como modos de funcionamento, como mecanismos*. Remetemos o leitor a ele, para não nos repetirmos.

Ao *pré-consciente* é reservado o lugar de operações e conteúdos não presentes no campo da consciência, portanto, descritivamente inconscientes, mas deles distintos, na medida em que permanecem, de direito, acessíveis à consciência. São tidos como conteúdos separados do inconsciente pela censura, de tal forma que a passagem de um para outro só se pode fazer pelos mecanismos de deslocamento e condensação, regidos pela necessidade de revelar ocultando um material que resiste, pela repressão, a se colocar consciente.

Ao terceiro *locus* cabem processos e conteúdos que, como o conteúdo manifesto dos sonhos, podem ser admitidos no plano consciente, de alguma forma. Assim, podem ser afirmados, no nível de sentidos e percepções, como tudo o que a pessoa sabe de si.

A segunda tópica

Em 1923, Freud escreve *O Ego e o Id* (Freud, 1923): um divisor de águas que constrói uma outra forma de descrever e conceber o aparelho psíquico. Agora, *ego, id e superego*, organizam-se à moda de três personagens que se enfrentam no controle e domínio da cena psíquica: o *id* é relativo às pulsões; o *ego* é aquele que representa os contatos com a plateia (realidade externa); e o *superego* se contrapõe aos dois, sobretudo atestando, em sua força, a força do *id*, seu antagonista.

Os termos descritores são novos, até certo ponto, mas os sistemas que reapresentam, de certo modo, estão ali repostos: *ego*, que desde sempre nomeou processos psíquicos, encontra uma especificação maior, como a instância de contato com o mundo; *id*, cabalmente, nomeia um reservatório de energias

pulsional; e *superego* é o nome que atribui à instância divergente na direção das forças, na medida em que, diferentemente das outras, é contrária à satisfação pulsional.

Se o leitor puder recordar o que afirmamos em outros momentos, sem ser nominalmente teorizado como *superego*, no texto sobre narcisismo, o *ego ideal* poderia ser considerado sua matriz conceitual, exatamente porque a imagem ideal de si exerce uma constante censura ao ego real.

Além disso, há uma possível superposição do primeiro modelo de aparelho psíquico, de 1900, a este de 1923: o id é o império do funcionamento inconsciente, enquanto o ego e o superego teriam regiões inconscientes, ‘pré’ e conscientes. Inclusive, a partir dessa segunda tópica, o pré-consciente é definido como o que permanece apenas descritivamente inconsciente (não mais uma instância com mecanismos e atribuições específicas, como se costuma circunstanciar o termo na primeira tópica).

Não se assuste o leitor com os sentidos tão espaciais dessas palavras; não se pode esquecer que os modelos são tópicos...

Antes de prosseguirmos, cabem umas poucas palavras sobre *processos primários e secundários*. É interessante notar que, apesar de os modelos serem formas fixadas como instâncias e lugares estáveis, com qualificações específicas, em maior ou menor conflito/choque entre eles (decorrentes dessas qualificações), Freud, em suas descrições, permanece no limite entre afirmá-las como características intrínsecas, ou como modos de operações, de funcionamento psíquico. É um azeitamento da mobilidade e da transitividade, nos espaços das formas teóricas.

Os dois processos podem ser assim postos de forma sumariada (Laplanche & Pontalis, 1977).

Os *processos primários* são modos de funcionamento arcaico, pré-lógico do aparelho psíquico, por expressão livre de sentimentos e por pensamentos, orientados por impulsos, pulsões.

Os *secundários* são aqueles caracterizados pelo pensamento lógico, memória “racional” e expressão de sentimentos orientados pela realidade.

Nessa esteira, voltemos a como Freud apresenta a segunda tópica em 1923, aquela que se impôs definitivamente na compreensão teórica da psicanálise.

O *Id* é descrito como a instância psicológica regida pelos processos primários e pelo princípio do prazer, exclusivamente. É fonte de motivação para todos os sistemas psíquicos que, em sua constituição, de modo direto ou inverso, a ele respondem e dele derivam suas atribuições e forças. Seu objetivo é invariavelmente a satisfação da pulsão, na busca do prazer.

A quem se lembre dos comentários que já fizemos, aqui, sobre a definição de pulsão como estímulo que nasce no interior do organismo, provocando tensão (no sistema) e buscando descarga por meio de uma ação, um comportamento, que provoque prazer, poderá perceber que encontramos, no *id* desta segunda tópica, sua “mais completa tradução”. Até então, poder-se-ia dizer que seria ele o reservatório das pulsões.

Prosseguindo, no entanto, com essa definição (Freud, 1915/1976), podemos ainda notar a ressalva feita quanto ao alcance possível para se dizer do perfil psíquico dessa instância: o objeto para a satisfação não faz parte desse circuito, pertence ao meio, e se presta à catexia, ao investimento do impulso, e nessa qualidade se pode representar. Pode-se registrar como fato psicológico. Por isso, costumamos dizer que as representações (e os afetos que as acompanham) são ponta de lança das pulsões, introduzindo-as no universo psíquico. E o *id* pode ser assim entendido como reservatório dos *representantes* da pulsão.

Não podemos nos esquecer, inclusive, que o *A Interpretação dos Sonhos* (1900/1972), coloca a psicanálise no campo das representações, como compreensão e como método. Nisso, de 1900 a 1923, temos uma produção que se ergue na área do que tem sentido e significado inconscientes, como expressão humana.

E o *Ego*? Ah, bem... o *ego* é quase tudo nesta segunda tópica!

Para melhor explicar nossa hipérbole, começemos pelo entendimento que temos da tripartição em sistemas. Pelo recorte que orienta nossas análises e

estudos da obra freudiana, preferimos tratar, cada um deles, como conjunto de funções, como modos de agir, de funcionar subjetivamente.

Assim, retomando a título de exemplo o id, diríamos que se trata de uma modalidade de ações automáticas, impulsivas, que indicam finalidades aquém e além das relações com o meio. Para elas se estabelecerem, há de haver funções que nos capacitem desde o nascimento, para o confronto com o mundo: do desenvolvimento da percepção ao estabelecimento de vínculos expressivos (de comunicação) e afetivos com as outras pessoas e com as coisas.

É daí que adviriam os confrontos concretos da criança com o mundo que a cerca, admitidos os primeiros envolvimento com a mãe e seus próximos.

Um funcionamento primordial poderia ser atribuído ao narcisismo primário, tal como o concebe Freud, em 1914. Recomendamos a leitura atenta dessa obra que coloca como a condição de relação, por mais paradoxal que isto possa parecer, caso nos apegássemos à sinonímia desse termo. A expansão indiferenciada, o esparramamento do que é o bebê, nos objetos externos, de tal forma a alcançar aquilo e aqueles que lhe serão recíprocos a partir de um outro lugar, esse das pessoas e das coisas, do lado de fora desse “corpo em busca de sentidos”, enquanto satisfaz necessidades tão básicas como as de alimentação, calor e sono, por exemplo.

Outras funções, no entanto, se poderiam supor, com apoio nesses inícios: (a) tolerância significativa às frustrações que, com certeza, encontrará nesse caminho, intencional no plano cognitivo da consciência; (b) orientação do comportamento para objetivos aceitáveis e que não acarretariam tantas frustrações.

A estas, o discurso da psicanálise acrescenta como funções egoicas: (c) funcionamento orientado pelo pensamento lógico; (d) cognição, planejamento; (e) utilização do afeto que acompanha a frustração da pulsão, como sinal que auxilia na escolha de objetivos e objetos significativos; (f) mecanismos de defesa. (Laplanche & Pontalis, 1977).

Demos, até aqui, os destaques à concepção do ego, não como um sistema com atribuições próprias, em oposições ou “negociações” e “jogos” de domínios de força entre “si”, mas sim como modos de funcionamento psíquico. Mas é

fundamental que se diga que a própria escrita de Freud traz o ego como uma diferenciação no id para atender a exigências de contato com o mundo exterior, cumprindo sempre os alvos “ídicos” de satisfação da pulsão, funcionamento por um princípio de realidade que negocia alguma satisfação em troca de impedir efeitos de frustrações. É a face de confronto com o meio, e assim permanece o mediador das três instâncias e o mundo real.

Do mesmo modo, define *superego*: diferenciação no ego, de uma instância que acaba por se opor às finalidades precípuas de satisfação da pulsão. Com objetivos diferentes do ego e do id, seu alvo é a contenção dos impulsos, impedindo suas descargas de maneira absoluta. Não para escapar de frustrações maiores, mas por incorporações de regras e valores sociais.

O capítulo III de o Ego e o Id, na sua melhor forma, traz a criação de um lugar psíquico com processos que envolvem, desde a identificação até a dissolução do Complexo de Édipo. Qualquer referência, entre comentadores das teorias freudianas, sobre o fato de esta instância representar as instituições sociais, cabe ressaltar que Freud é bastante explanativo sobre os interiores de tais processos, por isso remetemos o leitor ao estudo de tal texto, exemplar do raciocínio de seu autor. Chega, num dado momento, a afirmar que, por uma questão de lógica da própria tópica do aparelho psíquico, a força de um superego atesta a força do id.

Desses interiores (identificações e dissolução do Complexo de Édipo), trataremos por ocasião de abordar mais diretamente a questão do desenvolvimento da homossexualidade.

É o tema dos capítulos que se seguem.

PARTE 2

Esta Parte 2 do livro contempla o desenvolvimento afetivo, ou o desenvolvimento da homossexualidade, tendo já desenhado o escopo teórico e metapsicológico que fundamenta o investimento nas figuras amorosas e as histórias que cada um se conta ou registra nesse caminho. É o que constitui as possibilidades de amar e trabalhar, como diria o próprio Freud. Mais quatro capítulos e a tarefa será cumprida.

Desta feita, nos dedicaremos a destacar o que dá formato às teorias desses objetos: a sexualidade e a dimensão inconsciente do desenvolvimento afetivo.

Mais que na Parte 1, faremos apenas a indicação de textos-base para nossas formulações. Não nos dedicaremos a tomá-los exaustivamente em sua linha mestra, como o fizemos para tratar dos sonhos, no trabalho instaurador da psicanálise como representação, bem como no escrito sobre a pulsão de morte (*Além do Princípio do Prazer*, 1920), onde se resvala no perigoso terreno para os seus destinos, com a proposição de uma pulsão sem representação.

São os seguintes os estudos que deveriam ser feitos para acompanhar o que a partir de agora se escreve: *A Organização Genital Infantil* (Freud, 1923), *Sexualidade Feminina* (Freud, 1931/1974) e *A Dissolução do Complexo de Édipo* (Freud, 1924).

Do ponto de vista genético

A proposta deste capítulo é apresentar a mais conhecida abordagem que se faz ao desenvolvimento da sexualidade: a divisão em fases (oral, anal, fálica, latência e genital).

Convencionamos chamá-la (a abordagem) de genética, na medida em que, apesar da fundamentada interpolação da fase fálica, no *Organização Genital Infantil* de 1923, poderia ser considerada uma ordenação fixa de regiões do corpo que, quando estimuladas, gerariam o máximo de prazer.

Garante-se, então e de início, o perfil dessa teoria sobre investimento de libido em objetos, sendo que nesse caso, o objeto é o próprio corpo. Da mucosa da boca (do nascimento até aproximadamente um ano e meio), à mucosa do ânus (de um ano e meio a três ou quatro anos) e daí aos genitais (a partir de quatro anos, sendo que nas meninas, é o clitóris essa região, até pelo menos a adolescência). São as chamadas *zonas erógenas* e está prevista uma espécie de “migração” de uma a outra, nessa ordem, como marca filogenética.

Com tais pressupostos, desliza-se para a necessidade de ações do e pelo próprio corpo na busca de alívio para as tensões que se produziriam no limite entre o orgânico e o psicológico. Esse alívio é sempre tratado como sensação de prazer porque satisfaz a pulsão (*O Instinto e suas vicissitudes*, 1915). São as *atividades autoeróticas* (o sugar, a retenção e expulsão das fezes, a masturbação). Elas cumprem o circuito da pulsão.

O objetivo desse enfoque, que chamamos de genético, é preparar a discussão a respeito do lugar que ocupam as figuras familiares, do ponto de vista do investimento amoroso, enquanto o corpo é a sede de todo esse movimento do investimento em zonas erógenas.

Em *A Vida Sexual dos seres humanos* (Freud, 1917/1969) e *Três Ensaios para uma Teoria da Sexualidade* (Freud, 1905/1969), Freud desafia educadores, médicos e opinião pública do momento, a pensar que a sexualidade tem início na infância. No primeiro, uma das Conferências Introdutórias, ministradas nos EUA, faz uma provocação retórica: se os adultos não acreditassem nisso, não reprimiriam as crianças. No segundo, em verdade o primeiro pela ordem de escrita, a provocação é teórica, porque, com argumentos e descrições de comportamentos (de bebês e de pacientes adultos), faz uma contundente construção da *sexualidade* e seus motivos, *desde o berço*.

Mais tarde, em *A Organização Genital Infantil* (Freud, 1923), reúne, sobretudo a partir desses textos e de outros em que o assunto era expresso, as notas de rodapé mais importantes e propõe uma fase fálica, entre a anal e de latência, na série que apresentaremos a seguir.

Pois bem. Seriam cinco as fases do desenvolvimento da sexualidade, cada uma com zonas erógenas e atividades autoeróticas características.

- *Fase oral*. Estende-se até um ano e meio de idade, aproximadamente, sendo que a zona erógena é a mucosa da boca e a atividade autoerótica é o sugar.
- *Fase anal*: Estende-se de ano e meio a três e meio, quatro anos, sendo que a zona erógena é a mucosa do ânus e a atividade autoerótica é a retenção e expulsão das fezes.

Nesse momento, particularmente, começam as trocas mais restritivas com os adultos à volta. Para a criança, as fezes podem se fazer notar mais pronunciadamente nesse exercício de segurá-las e soltá-las; nisso têm prazer e seguem rituais nem sempre interessantes aos seus pais; oferecem seu cocô como presente-surpresa, em lugares inéditos, não necessariamente no penico; daí pra frente, os confrontos se anunciam e a repressão ao prazer também; é a educação dos costumes que molda o fazer cocô no lugar certo e a isso pode

reagir de diferentes formas, desde a constipação intestinal até as agressividades expressas.

- *Fase fálica.* Estende-se dos quatro anos até aproximadamente 6/7 anos, sendo os genitais a zona erógena (no caso da menina, o clítoris) e a atividade autoerótica, a masturbação. Há particularidades desta fase em relação à genital propriamente dita, na medida em que as figuras parentais e as tramas amorosas encenadas com eles, diretamente, são centrais. Há uma preocupação em medir e comparar atribuições de tamanho e concupiscência (espaço ocupado na percepção) dos órgãos genitais. E as meninas saem perdendo, porque a zona erógena nesse momento é o clítoris, que é menos visível, é menor. O prazer que advém de sua estimulação parece não se impor, na apreciação dos outros seres, pequenos ou grandes. A atividade autoerótica se exacerba, para ambos os sexos, como possibilidade de aliviar algum tipo de tensão, conforme a definição de pulsão, e pode acontecer, em princípio, à vista de todos em qualquer situação social (visitas de familiares, escola, entre outras), porque a censura a ela necessita de tempo e experiência para que se estabeleça. Afinal, trata-se do cumprimento dos desígnios filogenéticos...
- *Fase de latência.* A idade de seis anos parece iniciar um processo de retração desses mecanismos. A entrada no universo do conhecimento intelectual (escola, por exemplo), abre sentidos e meios do contato com os saberes acumulados, com conteúdos ligados a ciências sociais de história, geografia, bem como conteúdos de ciências exatas. As atividades autoeróticas parecem se “distrair”, por algum tempo, nessas conquistas culturais. Não são erradicadas, mas acabam se tornando menos centralizadoras. Até a fase fálica, e na sua vigência, algo deve ter sido responsável por esses desvios de rota: pelos avanços das teorias e da metapsicologia, poder-se-ia dizer que as tramas edípicas, a repressão, as identificações e o superego são processos que explicam as configurações dessa fase de desenvolvimento da psicosssexualidade. Sem negá-las, e da perspectiva imaginária, constrói-se, a partir de *A organização genital infantil*, esse terreno que será o foco central do

próximo capítulo de nosso livro. Por ora, passemos à descrição da fase seguinte à de latência.

- *Fase genital.* Com certo arranjo, a partir de dez ou onze anos, com a entrada para a adolescência, permanecem a zona erógena e a atividade autoerótica da fase anterior, mas, no plano imaginário, alterações de peso acontecem: os alvos de investimento de libido não são mais as figuras parentais concretas; tudo parece submergir a uma sistemática ação delas próprias (as figuras parentais) no estabelecimento de impedimentos de qualquer satisfação imediata, como também do desenvolvimento de funções sociais, cognitivo-rationais e culturais, que sistematizam certas “ações de bom senso” no sentido de “escolher” saídas mais íntimas de satisfação ou de uma tradução sensual de seus alvos. As figuras parentais são substituídas por outras mulheres ou homens, na vida amorosa. E toda sorte de ritos se apresentam para essa a explicitação de escolha de objeto de investimento direto.

Da perspectiva das tramas imaginário-afetivas

A grande contribuição da escritura do *A organização...* em 1923², está na tese que apresenta, de que há uma organização genital que se faz desde a infância em torno da primazia do falo.

O que Freud quer dizer com isso?

1. Que a aproximação da vida sexual da criança à do adulto não se limita apenas ao surgimento da escolha de objeto amoroso, como se poderia pensar.
2. Que, mesmo ainda sem a combinação adequada dos instintos parciais sob a primazia genital, o interesse por essa região do corpo adquire significação dominante, só um pouco aquém da importância que tem na maturidade.
3. Que a principal diferença é a organização se dar em torno do falo, pênis imaginário; aquele que todos teríamos, porque só o órgão masculino teria existência e sua ausência seria recusada, sobretudo quando a criança é ainda pequena e faz suas observações de corpos de outras

2 Texto cuja leitura na fonte se comenda, uma vez que aqui apresentaremos apenas os destaques que consideramos relevantes para tratar de uma Psicologia do Desenvolvimento em Freud.

pessoas e de animais. E, se não está aí, é que algo aconteceu: foram castrados! Só a mãe se salva dessa conclusão: deve estar bem escondido, mas ela continua tendo; até que se possa admitir que ela tenha filhos; bem... aí ela pode se incluir entre os castrados!

4. Que, somente na adolescência, é possível admitir a existência de dois órgãos genitais diferentes, para mulheres e para homens, instaurando a primazia dos genitais.

É com tal tese que se faz possível interpolar a fase fálica na descrição que fizemos no capítulo anterior. Mais: é com ela que uma escolha de objeto se faz na infância, suportada pelas figuras parentais, alvos de todo esse jogo amoroso com o colorido da “falicidade”, bem como do investimento sexual incestuoso que o acompanha e que, por efeito de repressão, permanecerá inconsciente. mesmo depois que essas figuras sejam substituídas.

A polêmica em torno da sexualidade feminina

Em que pese todo estranhamento que pode provocar, será o texto *Sexualidade Feminina* (Freud, 1931/1974), de 1931, que apresentará a trama afetiva da psicosexualidade, para além da abordagem genética das fases. Até porque, ao falar sobre sexualidade feminina, melhor Freud trata da masculina. Vou tentar demonstrar que essa minha hipótese faz sentido.

Cada vez que discuto com os alunos o texto e o tema-título, em sala de aula, instaura-se um clima de animosidade contra o criador da psicanálise. Nem com muito esforço consigo que eles considerem o discurso freudiano como um discurso de seu tempo e contexto cultural, sim. Mas, deve-se lê-lo *com isso*. Sem jogar para debaixo do tapete as relativizações necessárias, mas também, sem jogar para debaixo do tapete o próprio texto e o conjunto da obra do autor. As pessoas até entendem, mas não o perdoam. Peço calma à turma, e que apostem no meu taco, para destacar que, feitas todas as análises do discurso e do seu modo de produção, podemos prosseguir com ele, no que constitui um recorte determinado, ele também, um nível de análise, o psicológico. Se Freud se pretende universal, como se pretendem universais os

discursos das disciplinas do conhecimento (ou não teriam valor de verdade), nós não precisamos segui-lo até aí; muito pelo contrário, é constitutivo de nossa estratégia de pensamento circunstanciar as verdades ao contexto histórico e regional das relações que as produziram. O mesmo vale para nossas indignações exacerbadas, nascidas de uma compreensão não analítica de um trabalho criador como o de nosso amigo, de quem tratamos agora. É preciso estar sempre atento e forte para não escorregarmos numa pretensa imparcialidade.

Como eu também me inflamo em debates desse tipo, chego a questionar os alunos sobre uma aceitação tranquila e sem arestas das aulas sobre a metapsicologia freudiana, igualmente apresentadas como explicação da possibilidade de vida. Embora pudessem não ter percebido, todo o programa da disciplina foi montado para relativizar as verdades assim pontificadas. Inclusive, desde lá, trato o pensamento de Freud como *uma* possibilidade, *uma* perspectiva de entendimento de o que é o fazer humano e em consequência, o sofrimento.

É isso. Sempre se corre o risco de um discurso que nega sua posição de uma perspectiva possível, um nível de conhecimento, para apostar em sua totalidade...

Feitas tais ressalvas aqui, bem como feitos os acordos de prosseguimento com as turmas de Psicologia do Desenvolvimento, ano após ano, é melhor proceder ao estudo da afetividade que também está no texto. E nesse plano, como em qualquer outro, vamos entender o que Freud diz sobre nosso tema, para novamente podermos discordar e/ou concordar. Para qualquer discussão de um trabalho clássico, a análise e a contextualização (o que se costuma chamar de “crítica”) são esperadas e bem-vindas.

Vamos, então ao que se pode reconstruir da dimensão psicológica que o texto nos traz, nesse contexto todo de tempo e de teoria de produção desse texto.

Pode-se notar que, para tratar da sexualidade feminina (tema-título), Freud faz uma espécie de distinção e descrição, em paralelo, de como as coisas aconteceriam, para meninos e meninas. É o que passamos a apresentar,

considerando, em princípio os meninos, para quem, como dissemos anteriormente, ele configura, em sua melhor forma, uma sexualidade masculina.

Nos meninos

1. A mãe é o primeiro objeto amoroso e, portanto, o primeiro objeto da libido e de identificação. É uma identificação primária, com um todo representado pela mãe. Não é uma identificação por traços, no caso, genitais (secundária, por ocasião do Complexo de Édipo).
2. O pai, nesse momento, é alvo de hostilidade, por ser considerado um rival na partilha das atenções amorosas da mãe; assim como os irmãos que, porventura, tiver.
3. O pênis, não se pode esquecer, torna-se, por volta dos quatro anos, a região do corpo que lhe dá o prazer maior, quando estimulada. E isto acontece por migração da boca para o ânus e deste para os genitais. Assim, destaca-se para toda observação dos corpos outros (adultos e animais) tal região.
4. O mundo passa a se dividir entre *castrados* e *não castrados*, ou seja, os que têm e os que não têm pênis, na medida em que só o órgão masculino tem evidência, é visível a olho nu, e, como dissemos, é a conspicuidade, a projeção de tamanho no exterior, que atribui existência.³
5. No seguimento de suas observações, dá-se conta que o pai tem um pênis maior que o dele. Além disso é seu rival pelo amor da mãe.
6. Ora, “pensando bem, se meu pai é mais porque tem mais pênis, se eu cultuo narcisicamente o meu pênis por tê-lo e ter nele tanto prazer, posso ser punido com a castração, tão temida; porque se for castrado, entraria para o grupo daqueles que perderam, ou nunca tiveram, a

3 Piaget, tempos depois, vem a formalizar as estruturas cognitivas e classifica como uma característica básica do período intuitivo essa qualidade de julgamento de existência e importância, associadas à percepção do tamanho e do espaço ocupado por objetos.

joia da coroa!” Tal diálogo interno é o presumido diante das descobertas a que conduzem suas pesquisas sexuais.

7. Por esses desígnios (observações mobilizadas pelo prazer autoerótico, culto narcísico ao pênis e temor de castração), pode se consolidar um curioso desfecho: para a preservação da mãe como objeto da libido ele se identifica com o pai. Em outras palavras: pode ter a mãe e ser o pai. Para não perder o pênis, parece não perder mais nada significativo... Inclusive, a identificação que ora se faz com base na hostilidade, é de cunho sexual. “Identifico-me, com força, com o homem que meu pai é/representa, na sua força, como lugar nas relações familiares e com o seu sexo”.
8. Todas as possibilidades de variações desse quadro, vamos esclarecê-las mais à frente. Mas, de início, supõe-se que uma instância superegoica se erige, de maneira rígida. E tudo isso é conflito suficiente para um tempo de “descanso”, que é a *fase de latência*, que descrevemos no capítulo anterior: impulsos ficam mais sob o controle de mecanismos de defesa, bem como o princípio de realidade se consolida e o ego se fortalece.
9. Tudo pronto para que se faça a substituição do alvo de investimento de libido diretamente na mãe, para que se possam amar as meninas, isto é, as outras mulheres.
10. Seguimos de modo ainda esquemático para falar da história amorosa das meninas, seus corpos e suas identificações, tal como se pode depreender do texto *A sexualidade feminina* (Freud, 1931/1974).

Nas meninas

1. Deprendemos do texto freudiano que, com diferenças essenciais, as meninas também têm na mãe, no início da vida, seu alvo de investimento de libido, seu objeto amoroso e de identificação e, no pai, um concorrente afetivo. Que diferenças seriam essas? Ela terá um período mais longo nessa ligação. Um tempo em que terá de fazer duas

mudanças significativas, a saber: terá que mudar o seu próprio sexo (do clítoris para a vagina como zona erógena) e o sexo de objeto-alvo do seu amor (da mãe para o pai). Dada a natureza complexa desses processos, apresentaremos, nesta sequência tópico-descritiva, os efeitos deles. Mais à frente, faremos considerações explicativas com base em outros conceitos importantes da psicanálise freudiana, como os de identificação, Complexo de Édipo e superego. Por ora continuamos com esse forjado paralelo sobre o texto de Freud.

2. Por volta dos quatro anos, o clítoris é a zona erógena, porque a vagina ainda não é a parte de seu corpo que cause sensações prazerosas intensas. No dizer de Freud, a vagina não tem existência concreta até o início da menstruação.
3. A menina também faz observações sobre o sexo dos seres deste mundo. E, na economia cognitivo-afetiva, ao mesmo tempo em que o clítoris lhe dirige as observações para quem tem e quem não tem órgãos proeminentes nessa região do corpo, suas conclusões são que ela e a mãe não o têm. Pela lógica fálica dessa idade, vai se classificar ao lado dos *castrados*.
4. A identificação com a mãe, então, será calcada numa espécie de decepção por se encontrarem do mesmo lado. Ainda tem uma passagem a ser feita da mãe para o pai, que lhe custará uma série de ajustes na ordem da sexualidade. Disso também trataremos depois. Basta apontar que não é a ameaça de castração que desencadeia esses processos, então, a dissolução do Complexo de Édipo e a constituição do superego, não serão mais aquelas que, ideal e esquematicamente, são traçadas para os meninos.
5. Uma identificação não tão forte como aquela dos meninos, o fato de já se ver, de partida, sem o pênis e, portanto, sem precisar temer qualquer tipo de castração, são experiências que permitem às meninas saídas para o Édipo, que abrem possibilidades não previsíveis, no modelo masculino: (a) aguardar por tempo indeterminado que “o clítoris vire pênis”, que ainda cresça; (b) anular o interesse sexual; e

(c) no traçado original, mas mais improvável, reconhecer-se mulher, com todas essas condições.

6. E o resultado é a formação de um superego flexível, na contramão do que o senso comum concebe ser o caso das mulheres. Na sexualidade, isto apareceria como uma ambiguidade maior, e já socialmente aceita, nas manifestações de carinho e afeto entre os pares.

Como o leitor pode confirmar, este breve capítulo ocupou-se da trama psicológica que acompanha, no plano imaginário, as delimitações do caminho corporal do investimento da libido. Não o descarta, mas mostra o que acontece quando se trata de investimento amoroso em objetos, aqueles cuidadores e impeditivos das satisfações diretas da pulsão. O que aconteceria nos destinos afetivos e de representação dela (da pulsão). Mesmo em 1932, embora tivesse sido conceituada a pulsão de morte (aquela que não se representa), quando se trata da sexualidade, com razão, estamos no império da pulsão de vida, sexual, da vida sexual.

No próximo capítulo, abriremos os desdobramentos dessa complexidade, no plano das compreensões teóricas.

Das diferenças constitutivas

A recorrência de aspectos referentes ao desenvolvimento da sexualidade em outros trabalhos de Freud, exige-nos uma argumentação de que as hipóteses psicanalíticas são um recorte possível da dimensão psicológica que nos constitui. Não é nosso trabalho, por estratégia de pensamento, tomar a parte pelo todo, nem considerar as teorias freudianas como um conhecimento completo e global sobre a questão de gênero. Aliás, tomar Freud como explicação para tudo o que se pode chamar *subjetividade* é tão abusivo como negar-lhe a condição de, ao seu tempo e ao seu contexto, ter construído um discurso sobre o psicológico que pode surpreender por sua coerência interna e por afirmações que avançam, e muito, além dos discursos do século passado e deste (por que não?). Vide o simples fato de colocar num discurso que se pretendia científico, a homossexualidade, as perversões, os delírios e a própria sexualidade como derivações do que se viveu (como normal). Ora, é a pinçar esses aspectos para que possamos conhecer seu trabalho, que nos dedicamos no estudo do desenvolvimento da sexualidade, desde a infância.

Retomando a construção dos processos afetivos das meninas, como dissemos antes, podemos destacar que ele, Freud, afirma diferenciações de peso, na história da sexualidade de meninos e meninas. A começar pela duração maior e pela organização mais complexa do período de ligação à mãe, no caso das meninas, no início da vida. Também, a considerar as exigências de “mudança do próprio sexo” e do sexo do objeto de amor, no caso do Complexo de

Édipo positivo nas meninas, sobretudo em função do reconhecimento de um único órgão genital (o pênis) como universal (no traçado da anatomia dos sexos e seus destinos), durante os primeiros anos. Com e por tudo isso, a constituição de um superego mais flexível nas meninas, devido à ambiguidade das identificações e escolhas de objetos a partir da fase fálica, uma vez que o superego é concebido por Freud, como resultante das sedimentações de identificações cruzadas com as escolhas de objetos, herança da dissolução do Complexo de Édipo, acionando uma expressão de afetos mais livre entre as meninas até mais tarde na vida (o que seria muito fortemente “reprimido” nos meninos).

Tais diferenciações, havíamos nos comprometido a apoiá-las no conjunto conceitual de suas teorias sobre o psiquismo. Os conceitos de identificação, Complexo de Édipo e superego, são um arco que bem poderia dar sustentação às hipóteses sobre a sexualidade na infância, e seus possíveis destinos nas formações clínicas, no modo como as propõe em Dora, Homem dos Ratos, Homem dos Lobos e Schreber. Inclua-se que a dimensão inconsciente é uma hipótese que torna tudo isso... psicanalítico. A verdade que o discurso da psicanálise, por procedimentos e teorias, constrói.

As identificações

O plural do subtítulo não é casual. Não por critérios de quantidade, mas sim de qualidade/diversidade dos processos psíquicos envolvidos na identificação primária e na secundária.

A primeira é condição fundamental de constituição de um si, de um eu, com base na imagem de um corpo inteiro. E disso tratamos no capítulo anterior. Não se constituiria uma dimensão psíquica da vida, sem esse suporte afetivo, do qual o próprio Freud falou pouco, mas que apontou como a relação de origem dos vínculos afetivos e/ou do investimento de libido em objetos.

A segunda, por sua vez, é abordada como desfechos possíveis para essa relação primária com os objetos, a partir do Complexo de Édipo.

No livro *Psicologia das Massas e Análise do Ego*, de 1921 (Freud, 1921/1976), há um capítulo dedicado a falar do assunto. Em princípio, mostra-se nesse simples fato a importância conceitual (e, por tabela, psíquica) da identificação na constituição do ego.

De certo modo, o *A Introdução ao Narcisismo* (Freud, 1914/1969) nos permitiria entrever uma explicação da identificação no seu modelo primário. Novamente, um trabalho que dá visibilidade ao ego, sua formação e seu lugar na vida psíquica. O que tem a ver o narcisismo com a identificação? Façamos, então, mais uma visita a ele (ao texto de 1914) para que se teça a rede conceitual. Conforme já dissemos, em outros capítulos deste nosso livro (vide cap. II), anuncia-se aqui uma grande virada de pensamento a respeito das pulsões. Passa-se a falar em *orientação* (que costumamos chamar de *vetoração*) da libido para o ego e para os outros (os objetos que o mundo lhe apresenta), e *não* pela *natureza* da energia que as põe em movimento (no caso da teoria, ao momento, libido sexual). Tudo com nascedouro numa instância, o ego, que passa a ser erotizada. Tudo também no interior de uma discussão com seguidores (Jung e Adler), em defesa da natureza sexual da libido. É este ego que, no confronto do corpo com o fora dele, expande-se indiscriminadamente sobre o mundo, alcançando seus objetos, sem qualquer distinção eu-outro. É a ação narcísica primária que nos põe em relação. Só depois de encontros mais ou menos satisfatórios, acontecem diferenciações. Daí, podermos dizer que o narcisismo se torna condição de toda e qualquer relação. Porque, de um lado, deriva dessa direção da libido para fora, a constituição de objetos amorosos e, de outro, um dos destinos dessa orientação pode ser o ego, novamente (o narcisismo secundário). Pois bem. Esse escrito leva a considerar que identificações “de corpo inteiro” são o caminho tanto para o desenvolvimento do ego quanto da alteridade. Com sede na relação primordial com a mãe, e com direito a se repetir, no decorrer da vida, com outras pessoas.

É no capítulo sétimo do *Psicologia das massas...* (Freud, 1921/1976), no entanto, que trata diretamente do tema das *identificações* e o faz *da perspectiva da resolução do Complexo de Édipo*.

Inicia afirmando que a identificação é a mais remota expressão de um laço afetivo. E, com esse belo enunciado, atribui a força desse processo para a constituição da subjetividade, do sujeito (termos que ele não usa, mas que

bem podemos inferir). Prossegue, assinalando que, como tal, tem papel fundamental na história primitiva do Complexo de Édipo, prepara-o, na medida em que o menino toma o pai como modelo de o que quer ser “quando crescer”, e que isto não é, necessariamente, uma atitude passiva em relação a essa figura ou aos indivíduos do sexo masculino em geral; até porque resulta da grande batalha que foi lidar com amores, hostilidades e a preservação do próprio pênis (àquela altura de sua compreensão teórica, o falo). A identificação com o pai, quando consegue acontecer, baseia-se no medo da castração, em sentimentos hostis, que libera este serzinho para continuar amando a mãe.

São laços psicologicamente distintos esses de identificação e catexia de objeto. São desenvolvidos com duas figuras paternas diferentes, embora a finalidade de ambos seja garantir a amorosidade e a aproximação a elas.

Já sabemos como Freud concebe as dificuldades que a menina encontra nesses movimentos afetivos, mas também sabemos que, para ela inclusive, as finalidades desses dois tipos de laços são, em princípio, as de se manter no circuito amoroso.

Ambos os laços subsistem lado a lado, por certo tempo. Apostos e não opostos. Sem interferência mútua. Mas, no drama edípico, eles se articulam de alguma forma a determinar os caminhos da sexualidade. Pode acontecer de identificações e escolhas objetais não se fazerem conforme o padrão típico descrito no modelo, e uma identificação com a figura parental do mesmo sexo (“meu pai/minha mãe é quem eu gostaria de ser”) pode evoluir para uma vinculação de objeto com ele (meu pai/minha mãe é quem eu gostaria de ter).

Cabe aqui uma interpolação.

Essa história assim contada parece tão parcial que nem mereceria nossa atenção. Ou nos conduziria a uma sensação de anacronismo absoluto. Mas peço que o leitor vá mantendo em mente que Freud, com um pé na anatomia e outro na imaginação, vai construindo uma perspectiva para pensar o que acontece com a cabecinha de uma criança, movida pelo prazer máximo nos genitais, enquanto convive numa família com os quadros daquelas que experienciamos e conhecemos no ocidente judaico-cristão. Este é, na verdade, *um*

mundo diante de tantas formas de cultura e civilização, de tantas diferenças sociais e desigualdades. Tem que se submeter a muita restrição, para poder caber no Édipo freudiano que carrega para seu âmbito processos importantes como parece ser o da identificação.

Com isto (e por ter isto) em mente, destacamos que o próprio autor segue, nesse mesmo texto, descrevendo como são as identificações nas formações neuróticas, na melancolia, na homossexualidade, nos grupos. São extensões do conceito que carregam suas marcas para onde quer que se vá. E, nesse caso, uma ressalva de dupla face: se consideramos como um recorte e um nível possível de tratamento das questões relativas ao desenvolvimento afetivo, faz sentido acompanhar o que nos diz o criador da psicanálise que até parece ter ouvido crianças deste e de outros tempos nas nossas formações sociais; se, no entanto, tomarmos a perspectiva como uma visão de totalidade não é de bom tom seguir pensando.

Readmitidas as intenções de método, vamos em frente!

O Complexo de Édipo

Pedra angular da Psicanálise como saber, o CE (doravante, abreviação de Complexo de Édipo) é um conceito organizador de vários termos, nesse discurso; um organizador de sentidos inconscientes. O molde em que esses registros e seus sentidos se constroem é dado pelas evoluções do drama da sexualidade, em meninos e meninas, desde o berço até a possibilidade de substituir os “objetos diretos” da ação das pulsões, do investimento da libido nas figuras concretas de mãe e pai.

Em Freud, a resultante do CE é o complexo das identificações de papel sexual. É até onde ele chega com a questão de gêneros, diga-se de passagem, para que não se criem expectativas por parte do leitor.

Supõe repressão exemplar com efeitos para o resto da vida. E é por isso que se afirma que o CE é o núcleo das neuroses. Mais: que seu herdeiro é o superego.

Como relacionar o histórico (o drama) amoroso vivido no CE com as identificações e o superego? É o que detalharemos melhor, agora.

1. As identificações e as escolhas objetais vão se constituindo paralelamente, como processos psíquicos independentes, não se implicando, nos primeiros momentos da relação com o mundo, como excludentes. Até que os desejos em relação à mãe, se tornem intensos e o pai é percebido como obstáculo a eles. A identificação com o pai no caso dos meninos, conforme vimos, assume coloração hostil e se transforma em desejo de livrar-se dele. Daí em diante, a relação com o pai é ambivalente, traduzindo a ambivalência da fase oral e sádico-anal.
2. Por volta dos quatro anos ocorre, então, uma implicação muito especial dos dois processos: pela primeira vez, na história da criança, a identificação com alguma das figuras parentais se faz para que a outra seja amada e eleita objeto amoroso, objeto da libido. Ou seja, identifica-se com um para amar o outro. O conteúdo positivo do Complexo de Édipo seria, então, exemplarmente no caso dos meninos: atitude ambivalente em relação ao pai e relação objetal do tipo amoroso com a mãe, iniciando a dissolução do Complexo de Édipo.
3. Essa disjunção identificação/escolha objetal não é, no entanto, um processo simples. Primeiro porque toda identificação supõe a perda do objeto-alvo da libido: para que eu possa me identificar com alguém é preciso abandoná-lo como esse alvo direto, para *ser* esse alguém dentro de si, e ter o outro como o objeto. Além disso, essas perdas e preservações nunca se fazem completamente. Nem totalmente. Até porque, a perda de uma figura como objeto direto de investimento da libido, de amor, supõe sempre, em algum grau, uma possibilidade de retê-la, de internalizá-la, pela identificação. Se assim não fosse, teríamos:
 - No Complexo de Édipo positivo ocorreria a identificação com o do mesmo sexo e a escolha do outro sexo como objeto de amor.
 - No Complexo de Édipo negativo ocorreria a identificação com o do outro sexo e a escolha do mesmo sexo como objeto de amor.

4. Em realidade, no entanto, os complexos de Édipo frequentes são completos ou complexos, isto é, obedecem a uma curva de Gauss, tendo numa extremidade o complexo de Édipo negativo e na outra o positivo. O meio da curva é preenchido por um Complexo de Édipo negativo e positivo, com predominâncias conforme caminham para o polo positivo ou caminham para o polo negativo.
5. E, diga-se, para Freud todos esses processos de identificação e suas intensidades, bem como uma ação que se estende da filogênese à ontogênese, respondem pela bissexualidade como característica de todo ser humano, para além da primeira infância.

O Superego

O resultado geral desse processo é a *formação de um precipitado no ego*, dessas duas identificações, relacionadas, de alguma forma, com as modalidades de escolhas objetais daí derivadas. Tal modificação (no ego) retém sua posição especial e se confronta com os outros conteúdos egoicos como um Ideal de Ego ou Superego (doravante, SE). Veja-se que, de pronto, não há uma diferença entre os dois termos/instâncias psíquicas.

O SE não é, no entanto, simplesmente um resíduo das escolhas objetais primitivas do Id. Ele é também uma formação reativa enérgica contra essas escolhas. Ou seja: “Você *deveria* ser assim (como seu pai)” e, ao mesmo tempo, “você *não pode* ser assim (como ele), porque certas coisas são prerrogativas dele, só ele pode fazer”! Esse duplo aspecto se deve ao fato de ter que se reprimir o CE.

Digamos que esta não é uma tarefa fácil! O Ego infantil fortificou-se para a execução da repressão, erguendo esse obstáculo dentro de si próprio, como uma função que contraria seus objetivos precípuos de satisfação da pulsão, sob demanda do Id, a partir de que se constituiu e em que se diferenciou, pelo funcionamento com base no princípio da realidade. Para tanto, tomou emprestada do pai, por identificação, a força. Assim, o SE retém o caráter e a força do pai. E quanto mais poderoso for o CE e mais rapidamente sucumbir

à repressão, mais severa será a dominação do SE sobre o Ego, sob a forma de uma “consciência” ou de um sentimento de culpa inconsciente.

Em função dessa descrição da origem e das funções do SE, Freud fala que a fonte do caráter compulsivo dessa instância se manifesta sob a forma de um imperativo categórico, um *tem que* fazer/sentir/ pensar. Inclusive, esse é o caminho para que o ser humano lide com o longo tempo de desamparo e dependência dos inícios da vida, que caracteriza a espécie. E é por ele que se chega à possibilidade de religiosidade, de religião. Também, pela tensão entre a “consciência” e os desempenhos concretos do ego, é que se chega à censura moral e ao sentimento de culpa e, por eles e com eles, é que são possíveis os sentimentos sociais.

É por essa configuração que o *superego assume o lugar de herdeiro do Complexo de Édipo*, a partir da segunda tópica do aparelho psíquico. Constitui-se, no mesmo ato, a expressão dos mais poderosos impulsos e das mais poderosas vicissitudes libidinais do Id.

Parece contraditório? Mas não é. É paradoxal! E felizmente, pelo paradoxo, pela afirmação/positividade de dois opostos que, exatamente, podemos dizer que o SE é, até por sua intensidade e inversão de propósitos no caminho da satisfação, o representante do Id! É como se uma batalha moral continuasse aquela dos extratos mais profundos da mente que não se expira com a apresada sublimação e com as identificações que acontecem na dissolução do Complexo de Édipo!

No próximo capítulo, poderemos mostrar como todo esse quadro e essas tensões (pulsão/repressão) evoluem a partir de um pressuposto de constituição do funcionamento psíquico típico, até a entrada na adolescência, para a constituição das neuroses, em Freud.

Os caminhos possíveis da vida amorosa a partir de então...

Tento me encorajar para escrever este capítulo, porque a tarefa é a de ir e vir no que até aqui se produziu, sem me repetir (como creio já ter feito algumas vezes, até agora), em nome de tornar claras as relações que vejo entre um tema/aspecto e outro.

É pela trama imaginária, que vai da produção dos sintomas até a dos sonhos, como processos psíquicos da mesma ordem, que se nota a importância que Freud atribui aos mecanismos inconscientes. Também é por aí que a análise se justificaria, suportada por representações cênicas, sempre construídas, desde os momentos mais primitivos de nossas vidas. Os sonhos, como os sintomas, (diria ele) podem ser trabalhados pelo mesmo método, a Psicanálise. Como se não se estivesse fazendo, com isso, um curioso caminho entre o que se pode considerar “normal” e “patológico”. Diria mais: nada surge mais tarde, como neurose, psicose ou perversão, se não tivesse surgido antes, como característica típica do desenvolvimento sexual/psicológico.

Igual perspectiva podemos ter ao considerar o desenvolvimento da psicosexualidade como fases que se marcam pela erotização do corpo, em zonas erógenas que migram da boca aos genitais e pelas atividades autoeróticas demandadas por essa condição. Ou, ao considerar os caminhos de Édipo, desde os primeiros vínculos e identificações com a mãe, até uma resolução

dos conflitos por meio de identificações de papel sexual e constituição de um superego, mais ou menos severo.

Desta feita, ao tentarmos estender um fio condutor desses inícios, assim esperados e constitutivos do universo afetivo sob o crivo da relação com figuras parentais e seus representantes, até o adoecimento psíquico posterior e muito provavelmente inevitável (vide *Mal-estar na Civilização* de 1930), arriscamos o que chamei de *ir e vir* na obra freudiana para construir um quadro, ou melhor, apontamentos esquemáticos sobre as possibilidades de vida amorosa na idade adulta, ou mesmo na juventude. Terminado o trabalho, como experimentei no ensino da disciplina de Psicologia do Desenvolvimento por vários anos, o sentimento é o de que não faz sentido organizar esse quadro. Parece por demais insuficiente, simplificado e simplista. Como se não pudesse enxugar espaços e extensões, sem roubar-lhes a pedra-de-toque do encantamento e do conhecimento.

Por essa razão, parece ingloria essa tarefa. Mas, também não resisto a tentá-la, uma vez mais e por escrito. A condição que me daria impulso para prosseguir é propor alguns estudos, para que o leitor possa atestar o juízo dessa tentativa.

Os históricos clínicos de *Dora* (1902), *Homem dos Ratos* (1909) e *Homem dos Lobos* (1918) podem ser circunstanciados como exemplares da histeria e da neurose obsessiva, sendo que no caso do Homem dos Lobos temos, para nossas finalidades, o sugestivo título de *História de uma Neurose Infantil*. Ou, como se poderia dizer em outras palavras: *de como tudo começa na infância...*

Um outro texto, que não é um atendimento do próprio Freud, mas uma análise que ele faz dos escritos do próprio juiz, paciente com várias internações por designação/diagnóstico de loucura, é o *Caso Schreber* (Freud, 1911/2010a), de 1911.

É por ele que iniciaremos as considerações sobre o que constitui esses quadros clínicos. Ou melhor, as possibilidades de vida amorosa, psíquica, sob a pena de Freud.

Em Schreber, temos a análise de um documento autobiográfico, elaborado pelo próprio paciente (um juiz da Alta Corte), para obter o direito de retomar sua liberdade, fora dos hospitais psiquiátricos e do controle dos médicos que o atendiam e que o atormentavam em seus delírios. Solicitação atendida, por todos os esclarecimentos prestados pelo autor sobre o controle que ele próprio já estabelecera sobre tais delírios, na medida em que, sem deixar de creditá-los, já conseguia conviver em situações sociais com outras pessoas, inclusive com o médico que o atendia na ocasião, deixando seus pensamentos mais íntimos para vivê-los... na intimidade!

Tudo indica que essa apropriação que Schreber faz de sua condição inspira Freud na construção de um discurso absolutamente disruptivo com tudo o que se pensava e que se pensa hoje sobre o sintoma característico da loucura. Afirmo que o delírio é a possibilidade de viver uma realidade psíquica, quando todo o mundo real ruíu. Mais ainda, mostra, na análise que faz do texto de Schreber, que o delírio é uma forma particular de organização de fatos que muitas vezes foram vividos.

Reafirma tal compreensão, 25 anos depois, no texto *Construções em Análise* (Freud, 1937/1976): os delírios têm sempre o retorno de vivências reais, têm uma verdade histórica, que se reapresenta por um ou outro detalhe de datas, lugares e falas que insistem em se repetir, muito embora, ao largo de qualquer sentido ao interlocutor e à consciência.

Ainda em Schreber (1911), chega a concluir que não saberíamos demarcar os limites entre os delírios que proferimos nas nossas teorias e aqueles que um louco profere. Ora, é de peso, inclusive para aqueles que hoje encontram-se às voltas com os discursos delirantes, quer como pacientes quer como profissionais de saúde mental, essa positividade e esse caráter de verdade que Freud lhe confere.

De fato, é um texto contundente! Recomendamos insistentemente sua leitura. Mas, por enquanto, vamos nos deter numa explicação, nele apresentada: aquela sobre a repressão e seu funcionamento, uma vez que para Freud este é, também, um mecanismo das psicoses.

Inicia-se o capítulo 3 com uma colocação sobre momentos/fases dessa repressão (lembre-se o leitor que ele ainda não contemplou esse tema como o

fez, da perspectiva metapsicológica de 1915). Aqui, ela surge como um processo que se articula com os momentos/fases da psicosexualidade.

Para que aconteça uma repressão propriamente dita, em todos os seus efeitos na vida psíquica, há que se considerar:

- Deve ter havido *um ponto de fixação* numa fase do desenvolvimento sexual: oral, anal, fálica ou genital. Algo que a tenha tornado um polo de atração para conflitos psíquicos posteriores.
- Por ocasião da *dissolução do Complexo de Édipo*, a *repressão* se daria *em sua forma exemplar*, na medida em que precisa conter todos os efeitos do drama amoroso das relações vividas pela criança.
- No modo como esses conflitos atingem um ápice, por restrições objetivas, vindas do meio exterior, inclusive das figuras parentais, acaba-se por demonstrar, aos pequenos amantes de ambos os sexos, que suas imaginações e fantasias em torno desses romances familiares, precisam ser categoricamente impedidas. É aí que se anuncia o terceiro momento da ação da repressão, o do retorno do reprimido. Nisso e para isso, há um enlaçamento aos pontos de fixação, que acabam dando o caráter, o colorido, dos efeitos do processo repressivo. Definem-se, então, os tipos de sintomas e de quadros clínicos: para a neurose obsessiva, temos uma fixação na fase anal; na histeria e fobia, temos fixação na fase fálica; o mesmo para a homossexualidade⁴; e, no caso da psicose, temos um retorno à fase oral e, quanto mais regredido for o ponto de conflito nessa fase, mais graves serão os sintomas.

Com essa compreensão, temos acesso a como a psicanálise freudiana faz a ligação de termos significativos de sua teoria, permitindo que se mostrem as relações que apontamos acima entre sexualidade na infância e seus desdobramentos em formações clínicas. Sem sombra de dúvidas, para o autor, (que não romanceia suas descobertas, muito além de um desses desdobramentos), seremos neuróticos, na melhor das hipóteses!

4 O circunstanciamento da homossexualidade ao lado da histeria tem, em Freud, menos a ver com a ideia de “quadro clínico” e mais a ver com o movimento da repressão propriamente dita, que reserva para as fixações na fase fálica (bem como o retorno do reprimido a elas) a pergunta “sou homem ou sou mulher?”.

Voltemos, então, aos históricos clínicos para comentar um pouco mais os desenhos possíveis da subjetividade psicanalítica freudiana, determinada por esse inconsciente sexual. Já sabendo que não nos cabe, no interior de um livro sobre psicologia do desenvolvimento, descrever ou adentrar nas particularidades dos destinos da satisfação das pulsões ao longo da vida. Cabe-nos, isto sim, apontar para essa ideia de normal-patológico deslindando-se nos movimentos e jogos da sexualidade infantil para os conflitos que afligiriam o adulto e sua sexualidade, no formato de sintomas psíquicos.

Dora (Freud, 1905/1976) é o modelo em que Freud *constrói a formação da histeria*, com tudo aquilo a que tem direito: a demonstração hipótese da bissexualidade, a análise de sonhos como o caminho para configurá-la e a pergunta que daí se pode derivar e que atravessa o modo de viver e amar dessas mulheres (sim, porque desde os tempos de trabalhos com Breuer, são mulheres que se deitam em divãs para os estudos ou os tratamentos que nos são relatados). *Pergunta* essa, que se *mostra em um modo de ser e não, propriamente, à consciência*. É ela: “*sou homem ou sou mulher?*”. Um modo de ser que apresenta a conotação erótico-genital em todas as atenções e falas, na relação com o mundo de objetos e com as outras pessoas. O ciúme é um sentimento que atravessa as percepções, acusações e modos de se ligar afetivamente. Assim é *Dora*: intolerante com qualquer impedimento a seus desígnios, amando uma mulher que está atrás do homem, na sombra da imagem de quem aparenta (não) amar. Foi assim com o sr. e sra. K. com direito a atualizar o romance familiar em torno da figura paterna (porque a mãe, nas descrições do caso e na análise dos sonhos de sua paciente, é só a sombra apagada, o perfil, daquele que é o elemento forte na cena amorosa, o pai). Tudo isso, carregado ao cenário clínico, pela (teoria da) transferência, que Freud ensaia definir para sempre, como condição de análise, na medida em que recria, na relação com o analista, tais cenas de amor. Cenas prepostas aos registros infantis. Nesse caminho, do pai para o sr. K e deste para Freud, que não teve a chance de uma interpretação transferencial, pois *Dora* o abandonou antes, está a relação amorosa com uma mulher que considerava forte, bonita e sensual. E Freud só a alcançou mediante o discurso (agora, até se poderia dizer, histérico) de recusa e

aproximação, na ambiguidade de posições que assumia com seu analista e das que descrevia como sendo de outros personagens de sua história.

É assim que se pode dizer que a neurose histérica, pelo retorno do reprimido, supõe um ponto de fixação na fase fálica: aquela que caracterizamos em capítulos anteriores. Os genitais, aos seus modos nas meninas e nos meninos, são o falo, isto é, um representante do pênis que passa então a ser reconhecido como o único, com existência e residência fixa no órgão genital masculino. Entretanto, por ser vulnerável à castração, é preservado às custas de uma identificação pela hostilidade com o que é, anatomicamente, semelhante. Esse universo construído à base de castrados e não castrados, sendo que os primeiros, desprezíveis “por natureza”, ficam constantemente ameaçando ser uma realidade, nos meninos, e sendo uma decepcionante constatação nas meninas, é determinante de rumos para o complexo de Édipo.

Talvez possa ter sido excessivamente irreverente a escritura do parágrafo anterior. Na verdade, porém, é um modo de não me repetir no tom sério e reverente às palavras do mestre, para dizer como a sexualidade, por sendas inconscientes, é o fio de altas tensões sobre o qual dança a constituição das neuroses. No caso da histeria, o que Freud chamou de bissexualidade como herança biológica ontogenética, como uma possibilidade natural do desenvolvimento da sexualidade na tenra infância, não sucumbiu à repressão do Complexo de Édipo, como teoricamente se esperaria. Permanece como uma possibilidade de constituição psíquica.

Uma extensão desses mecanismos é prevista para os casos de fobia e da escolha homossexual de objeto afetivo. A ação da repressão é determinante. Inclusive, das condições de o Édipo real, somente em raras situações, aproximar-se da idealidade de um Complexo de Édipo positivo ou negativo, conforme já descrevemos no texto sobre o Superego. Ora, pelo encadear da teoria, ficam abertas as portas para seguir buscando, para manter-se imaginariamente na posição de quem ainda pode escapar da castração e/ou reprimir os efeitos das identificações de papel sexual, para continuar amando o semelhante, como a “mãe o/a amou”.

Como aconteceriam as coisas na evolução para uma neurose obsessiva? Qual seria o caminho e os percalços das formas de amar, nesse caso?

Pois bem. Já pontuamos que há aqui uma fixação na fase anal que retorna como reprimido, com as características desta fase, no momento da dissolução do complexo edípico.

Grosso modo, a atividade autoerótica é a expulsão e retenção das fezes e a zona erógena, não nos esqueçamos, é a mucosa do ânus. Nesse período que, como também dissemos começam, com mais incisão, as exigências educacionais, os treinos de esfíncter, contrariando as finalidades eróticas do momento. Da observação/previsão/retrospectiva em atendimento clínico, Freud conclui pela possibilidade de um caráter sádico das e nas relações vividas pela criança, tanto de sua parte quanto da parte da figura de ligação. Daí, por exemplo, os jogos de exposição agressiva de suas fezes, por cantos “proibidos” da casa; também daí, os intestinos presos como modo de “fazer sofrer a mãe” (e eventualmente o pai), sempre às voltas com a evacuação dos filhos.

Do investimento assim sensível da libido, que faz do corpo um instrumento para dizer dos afetos na relação com os objetos amorosos, como avançar para o quadro de uma neurose obsessivo-compulsiva? Freud se encarrega da explicação. Vejamos.

Em princípio, a repressão não ocuparia, nessa neurose, o papel que tem na histeria e na fobia: o de separar pulsão e representação, mantendo-a fora do campo da memória consciente. O *Homem dos Ratos* de 1909 (Freud, 1909/1976) é exemplar para mostrar que o desejo em jogo, no surgimento dos sintomas, surge à consciência intacto; só que não como desejo, mas como um mero pensamento. Ele carrega a intensidade inconsciente na compulsão à repetição, nos atos e rituais que se repetem, que recorrem, sendo que nenhum sentido pode ser atribuído a esse movimento. No caso de Paul (o homem dos ratos), surgem manobras militares que despistavam sua finalidade precípua e expressa, de pagamento de uma dívida que não se pagaria nunca, porque já sabia que ela não havia sido contraída. Por que, então, o pensamento e os gestos se repetem? Exatamente pela elisão de parte do pensamento e dos rituais, que seria o desejo, movido pelo ódio, no caso de Paul, ao pai. O protagonismo entre os mecanismos de *defesa* é o da *formação reativa* entre amor e ódio,

sendo que o ódio permanece inconsciente e, portanto, intacto; enquanto, à superfície, há amorosidade e gentileza. A mesma tensão mobiliza outra defesa, a da *anulação retroativa*, em que ações aparentemente generosas são seguidas de outras que anulam esse efeito, em nome da inutilidade do primeiro gesto. Fantasias ou pensamentos recorrentes que exaltam a transgressão das regras de obediência à autoridade paterna, formas complicadas de lidar com o dinheiro e com as fezes/evacuação: é o caminho para Freud demonstrar a hipótese de que, *na neurose obsessiva, ocorre uma regressão da libido ao erotismo anal*, assim que ingressa na organização fálico genital. E a pergunta desse momento é: “estou por cima ou estou por baixo?”. Esse rapaz que eventualmente se imaginava cortando com gilete a própria garganta e apresentava uma superestrutura moral que lhe garantia uma espécie de soberania entre os “mortais”... Nisso, afetos acompanham as transposições do erotismo anal, no pensamento e na ação e se configura um isolamento afetivo, fazendo as vezes da repressão, e permitindo a agressividade nas relações, o que antes era dirigida ao pai. Daí, a imposição a ele de um castigo repetido à exaustão no nível do pensamento, como emborcar um balde com ratos no ânus do pai (e de sua amada), salva-se de ser um desejo para ser apenas uma ideia inconveniente. Recomenda-se a leitura do referido texto, por mais que eventualmente sejam exasperantes as manobras do paciente, com todos os traços e rituais da fase anal sádica.

Um último historial clínico que nos cabe comentar para tratar dos destinos da vida amorosa, na interface dos momentos do processo repressivo e aqueles do desenvolvimento da sexualidade, é o do *Homem dos Lobos* (Freud, [1914]1918/1976). Este rapaz de 20 e poucos anos, apresentou-se à análise com um caprichoso modo de manter relação sexual: com mulheres em posição social “inferior”, expondo as nádegas e de joelhos. Era gentil e colaborador com Freud, mas não avançava como era esperado dele. É feita uma construção modelar que torna esse texto uma leitura praticamente obrigatória para entender termos e conceitos, nem sempre contemplados em sua articulação. É a história do menino que temia imagens de lobo em posição ereta e de frente e que teve um sonho, na véspera de seu aniversário, em que seis lobos, de patas brancas e rabo assemelhado ao de raposas. Freud faz uma interessante análise de detalhes de cores das patas, de posições dos lobos na árvore, olhando

fixamente para o menino que deveria ter aproximadamente quatro anos e que gritou pela babá. Havia um pequeno equívoco que levou Freud a provocar o paciente a falar: ele narrara que havia seis lobos, mas desenhou apenas cinco. Na contramão de qualquer bom senso, mas suportado por uma espécie de roteiro invisível a que suas perguntas o conduziam, ele (Freud) dispara a cena memorável que construía, enquanto ouvia o paciente e fazia conjecturas sobre razões inconscientes de um certo ato falho: um dia, por volta das cinco horas da tarde, o pequeno Sergei (nome de HL), estava em seu berço por causa de uma febre de malária (que teve por volta de 1 ano e meio), que o assolava, sempre nesse horário, e viu que seus pais adentraram o quarto em suas roupas brancas de dormir; eles tiveram uma relação *a tergo* e o menino, que fingia dormir, teria presenciado tudo. É essa cena que provoca uma reviravolta na atitude do paciente frequentemente lamurioso em torno de seu jeito de ser e viver, de sua precariedade material e atitudinal. Ele “assumiu” como real, tal imagem formada pelo analista e mesmo quando fora lembrado de que poderia não ter de fato ocorrido tal situação, que ela poderia ser uma lembrança, uma colagem superposta de observações de relação entre animais, por exemplo, HL insistiu em lhe atribuir o estatuto de verdade empírica. A partir desse instante de “revelação”, várias outras recordações são associadas a essa cena, que recebe no texto o tratamento teórico de “originária”. E Sergei dá a seu analista a oportunidade de escrever seu mais belo e cuidadoso “caso” de atendimento, que o leitor precisa ler diretamente do/s autor/es sem qualquer *spoiler* de minha parte...

Para nossas finalidades, no momento, cabe voltar às relações disso tudo com as fases constitutivas da repressão e da sexualidade, como dissemos antes.

Freud situa o homem dos lobos como um caso de neurose obsessiva. Quem estuda as razões para tanto, segue numa leitura que busca uma difícil articulação, uma vez que o autor, em alguns capítulos, faz manobras visivelmente voltadas a demonstrar tal hipótese. Justifica sua preocupação em convencer o leitor, mostrando que esse paciente se caracterizaria por não parecer resolver com suficiência uma fase e arrastava para a seguinte, marcas da anterior. Tudo muito ligado ao medo de lobos numa determinada posição; imagem com a qual sua irmã mais velha o atormentava, quando ele tinha três anos. Tudo

como se tivesse feito uma apressada resolução de conflitos em cada uma das três primeiras fases. E os carresse, para dar a tonalidade afetiva desses conflitos. Ora, desde os sinais de medo de ser devorado pelo lobo e de ficar diante da irmã nas explorações sexuais, como a ela submetido, até as formas específicas para se sentir atraído pelas mulheres, temos os acentos de que sempre estaria se perguntando sobre quem domina quem (“estou por cima ou estou por baixo?”). A cena primária, reconstruída pela observação dos pais, com aproximadamente 1 ano e meio de idade, daria conta de antecipar e explicar que este bebê teria evacuado no berço enquanto via a mãe e o pai se relacionando sexualmente. Quando a fase fálico-genital vai ter seu desfecho, há uma repressão que garante que o que foi reprimido volte com o caráter de um erotismo anal, assim sobrecarregada pelo modo como aí chegou de outros pontos de fixação.

Havemos de concordar que essa discussão toda sobre se é neurose obsessiva ou não foi trazida aqui no intuito de elucidar o caminho inicialmente apresentado por nós, para tratar dos quadros clínicos na perspectiva freudiana. Por ser excessivamente esquemático, corremos o risco de não fazermos justiça ao trabalho conceitual do autor, ao longo de vários outros textos (Freud, Luto e Melancolia, 1917[1915]/1974; A perda da realidade na neurose e na psicose, 1924/1976; Neurose e Psicose, 1924/1976; entre outros). No caso deste *Homem dos Lobos*, como uma história de uma neurose na infância, mais importante que a tipificação é o modo como Freud analisa. Sobre isto, demos algumas pistas no primeiro parágrafo dedicado a ele (HL).

Encaminhamo-nos para o fim de nosso esforço para configurar uma psicologia do desenvolvimento à sombra do discurso freudiano.

PARTE 3

Seguimos tratando de uma Psicologia do Desenvolvimento na psicanálise.

Agora, porém, cabe-nos apontar para os desdobramentos da estratégia de pensamento freudiano, com um outro autor: René Spitz.

Conhecido por seus estudos sobre carência afetiva, Spitz apresenta, em seus livros, um rigoroso trabalho de acompanhamento de bebês e crianças pequenas (Spitz R. A., 1965/2004; Spitz R. , 1957/1978).

Trata do desenvolvimento afetivo, sempre. E o faz a partir de pesquisas observacionais, com avaliações físicas de medidas corporais (como peso, altura, circunferência craniana, entre outras) e acompanhamento atento de o que acontece com o bebê, dependendo de certas variações nas condições de seu ambiente próximo; tanto no que diz respeito aos seus movimentos e comportamentos na presença/ausência da mãe, como da aproximação e “provocações” dos pesquisadores, a partir do nascimento até alguns meses/anos de idade.

Tudo isso, no entanto, é ponto de partida para explicações que são caracteristicamente freudianas, baseadas no movimento de pulsões e sentidos para os quadros que porventura se configurarem; quadros e formações afetivas suportados pela importância do vínculo com a mãe na constituição do ego e da relação objetal.

Daí, ser considerado um “psicólogo do ego”, tal como o é Melanie Klein, mas dela se diferenciando pela consideração de que a vida psíquica começa ao nascimento.

Vamos às suas ideias.

“O mundo que o bebê tem para chamar de seu”

Como o leitor pode ter percebido, Freud ao tratar do desenvolvimento afetivo-sexual fala de *escolha* de objeto amoroso. Sempre da perspectiva do investimento da libido, quer como aquele que é alvo da pulsão, quer como aquele que se coloca como objeto de identificação, alcançando maior complexidade quando da dissolução do Complexo de Édipo, como identificação sexual.

Disso tratamos, nós, nos capítulos anteriores do presente livro, como característica fundamental do vínculo afetivo possível. E essa é uma perspectiva que sustentamos para pensar com a psicanálise, para além dos seus limites, as relações sociais.

Pois bem. Afirmações freudianas (e extensões nossas) recebem apoio nos trabalhos de pesquisa de René Spitz que, ainda na década de 1960, trata das características do desenvolvimento psicológico durante o primeiro ano de vida. Na verdade, apresenta a ideia do título deste capítulo: como a criança constrói “um mundo pra chamar de seu”. É um autor que se mostra bastante atual, quer pelos métodos experimentais com que conduziu seus estudos, quer pela organização e pelas hipóteses interpretativas de base psicanalítico-freudiana que deu ao seu material. Aparentemente dissonante, esse modo de

trabalhar, no entanto, dá a quem o acompanha, segurança para apostar em suas hipóteses e continuar investigando.

É uma contundente construção das conquistas da criança neste tempo que parecia passar despercebido nas colocações de Freud que apenas o indicava como importantes, mas a cujos processos não se refere diretamente. Ainda, no terreno psicanalítico, um tempo e processos, totalmente excluídos das “teorizações” de M. Klein, na medida em que a autora os “reduz” a alucinações que fundam a relação objetal desde uma vida “psíquica” intrauterina. Em oposição a essa compreensão, Spitz é claro ao propor que tudo começa ao nascimento.

Tomaremos seu livro *O primeiro ano de vida* (Spitz R. A., 1965/2004) para destacar os princípios sobre os quais funda sua hipótese: a criança, ao nascer é um ser biológico que vai, gradativamente, nas trocas com o meio, tornando-se um ser psicológico da (e na) relação. A ponte com o mundo é a mãe; e é, pela comunicação expressiva possível, na díade com ela formada, que se desenvolve a percepção diacrítica das coisas e pessoas do mundo que a cerca, a partir da recepção interoceptiva e proprioceptiva. Diga-se, desenvolvem-se as primeiras funções egoicas de que se tem notícia!

Vejamos os desdobramentos dessa hipótese, seguindo os passos da escritura desse trabalho.

Princípios conceituais

1. O desenvolvimento psicológico está fundamentalmente baseado no estabelecimento da relação objetal.
2. A gênese das *relações objetais* é a relação mãe-filho. Mas esta é uma relação diferente de todas aquelas de que se ocupa a psicologia social, apesar de ser o *status nascendi*, a condição de possibilidade, das *relações sociais*.

3. Há, portanto, características específicas dessa relação que precisamos conhecer e este é o tema do livro. A mais importante delas é a profunda diferença entre a estrutura psíquica da mãe e a da criança. A primeira tem sua personalidade, de uma forma ou de outra, organizada e iniciativas pessoais na interação com o meio. A segunda, por sua vez, embora tenha individualidades congênitas, falta-lhe essa organização da personalidade. Assim, o meio da mãe é o mundo e o da criança é a mãe, ponte para o mundo. E isso faz enorme diferença...
4. A relação objetal implica a existência de um sujeito e de um objeto; no caso, o sujeito é a criança, mas encontra-se, ao nascer, em estado de indiferenciação, não sendo capaz de ações psíquicas. Como dissemos, nesse momento é um ser biológico que vai se tornando psicológico, porque o termo “psicológico” tem o sentido de relação entre dois que constituem suas individualidades, e esse não é ainda o caso da criança. Inclusive, devemos chamar suas reações ao meio, como de conforto e desconforto, na medida que prazer e desprazer já seriam marca psíquica que nasce da relação com a mãe, objeto da libido/ponte com o mundo.
5. Objeto da libido é o objeto-alvo da pulsão, pelo qual esta (a pulsão) alcança satisfação, podendo ser (o objeto) parte do corpo da criança, no começo da vida. É o modo de configuração da relação com o objeto da libido que será o critério para que se definam fases do desenvolvimento no primeiro ano, bem como é das dificuldades vivenciadas na constituição dessas fases, que se derivam transtornos psicotóxicos e de carência afetiva parcial ou total, como se verá adiante.

Fases na constituição da relação objetal:

Fase Pré-Objetal

De 0 a 2 meses, o que marca o desenvolvimento é o estado de indiferenciação, uma organização primitiva, em que o recém-nascido é incapaz de diferenciar objetos e a si próprio daquilo que o rodeia; inclusive o seio que o

alimenta, é parte integrante dele. Por conta de um limiar muito alto de percepção, o que “percebe”, passa por seu sistema interoceptivo, e reage aos estímulos externos, normalmente, com desagrado/desconforto. Tais respostas existem desde o nascimento. Afinal, é um choque, a ruptura de padrões de alimentação e oxigenação do sangue, pelo cordão umbilical, forçando uma abertura dos pulmões na primeira lufada de ar, fora do útero, e tendo seu primeiro impacto de confronto com o meio. Se há um trauma de nascimento, é desse que se trata, mostrado em fortes reações de desagrado.

Pode-se verificar que, de início, são movimentos reflexos, que se observam. É assim que a criança pode virar a cabeça em direção ao peito, só se for colocada na posição de mamar; em posição vertical não faz isso.

Durante os dois meses que se seguem ao parto, vai acontecendo uma especificação desses sinais e se amplia o escopo da percepção dos estímulos do ambiente. Mas só serão percebidos, de início, os que se relacionam com a diminuição da tensão corporal, sobretudo aquela provocada pela fome; e reconhece o alimento, apenas se estiver com fome e com o bico do seio ou a mamadeira na boca, passando a sugar. Se estiver gritando muito, nem os “reconhece”...

Ao final do segundo mês, o ser humano adquire, para a criança, posição única entre as coisas do mundo. Mesmo assim, a aproximação de uma pessoa é potencializada se estiver associada à alimentação, ou seja, o bebê apresenta uma resposta à percepção do alimento. Caso ele esteja chorando de fome e alguém chega perto, ele apenas se acalma e abre a boca. Isto porque responde a estímulos externos em função de uma percepção interoceptiva, de impulso satisfeito.

Duas ou três semanas mais tarde, nota-se mais um progresso: é quando (este serzinho) percebe o rosto humano e o segue em seus movimentos, com atenção. Só o rosto humano! Spitz trabalha com algumas hipóteses para que isso aconteça. A primeira é que esse estímulo esteja associado à redução de tensão e é muito frequente a repetição da ocorrência conjunta de ver o rosto e de ser satisfeito. Uma segunda hipótese é que existiria uma pré-programação de atenção a certas qualidades de estímulo, que o rosto humano reúne, como

por exemplo, contraste, brilho, cor e movimento. São pressupostos complementares, esses.

Fase do Objeto Precursor

No terceiro mês, a criança sorri ao rosto humano! Não se enganem, os familiares, porém... não se trata ainda do “reconhecimento” do objeto da libido. É o estabelecimento de uma *gestalt-sinal*, um objeto precursor que apresenta apenas os atributos superficiais e não as qualidades essenciais do objeto da libido, da relação com um objeto diferenciado dos demais; o sorriso surge para qualquer um, desde que volte o rosto, de frente, com olhos bem visíveis e em movimento.

Esta resposta, porém, é considerada por Spitz, *o primeiro organizador do/ no desenvolvimento do vínculo afetivo*, porque mostra o desvio da sensação interior, para aquela que é provocada de fora. Esse movimento é fundamental para que se anunciem as bases do que costumamos chamar de funções egoicas, indicando nova era no meio interior do indivíduo, que começa a se distinguir do meio exterior. Percepção e consciência do mundo começam a ganhar contornos.

O que é um organizador?

É um salto qualitativo, pela articulação de características que vinham se desenvolvendo isoladamente e que, num dado momento, se apresentam como um comportamento novo da criança. Funciona como um sinalizador de que uma mudança importante aconteceu na relação dela com os que a cercam e nela mesma. Não surge do nada, mas sim, de uma construção desses movimentos particulares do corpo e das interações com o fora, com o mundo.

Para tanto, os afetos da mãe, a percepção e os afetos de desagrado têm lugar significativo. Veremos depois como qualquer dificuldade num desses aspectos pode comprometer o desenvolvimento no primeiro ano de vida.

A começar pelo papel dos afetos na relação mãe e filho.

A atitude afetiva da mãe é que orienta as experiências do bebê. E tudo se passa numa comunicação que não é intencional, não é da ordem das palavras, faz-se por sinais posturais, configurações gestálticas e vocalizações. Spitz cunhou com o nome *comunicação expressiva*, esse tipo de comunicação em que os comportamentos e ações de uma pessoa não se dirigem para um outro em especial, com o objetivo de mover nele respostas, mas esse outro reage como se tivesse percebido um sinal que evoca nele uma conduta de contrapartida. São, mais propriamente, ações que manifestam um “estado de espírito”, uma atitude afetiva que corresponde à experiência imediata dos dois “sujeitos”. Trata-se de um legado da espécie, a *Anlage*. Perde-se ou perde a exclusividade, com o surgimento de outras formas de comunicação.

Segue-se pelo papel e evolução da percepção a partir do terceiro mês.

Há uma transição entre recepção cenestésica e percepção diacrítica. A recepção cenestésica ocorre no nível da sensibilidade profunda, com reações de totalidade do corpo, difusas, como as viscerais; nela, o sistema sensorial tem papel mínimo. Os sinais recebidos pelo bebê, nesses inícios, são de equilíbrio, tensões (musculares e outras relativas às atitudes afetivas maternas), postura, temperatura, vibração, contato, ritmo, tempo, duração, gama de sons, matizes de tons. Todas essas categorias que vão ser deixadas de lado, na percepção e na comunicação do adulto, que as substitui por características semânticas e de percepção diacrítica. Os adultos que as conservam, são aqueles que mantêm habilidades especiais de equilibristas, bailarinos, artistas de circo e quetais. E, sim, as mães podem recuperá-las no pós-parto. E são as trocas afetivas, suportadas por esses sinais, nos primeiros meses de cuidado com esse ser, assim biológico no dizer de Spitz, que vão permitir as relações dele com as coisas.

Por fim, temos os afetos de desagrado que cumprem um papel de manter a satisfação estendida, no corpo e no ambiente, num desequilíbrio necessário e inevitável, importante para o desenvolvimento, provocado pela frustração.

Tais afetos são paralelos aos de prazer e vão se especificando. A exemplo: se o bebê, aos três meses, começa a sorrir para o rosto humano, também manifesta desagrado quando o adulto a deixa; e não tem essa resposta para

brinquedos. Isso só vai acontecer quando, por volta dos seis meses, faz uma extensão visível para um número maior de estímulos. Desta feita, mostra-se a importância da frustração, fazendo demarcações na continuidade automática da satisfação e garantindo equilíbrio ao desenvolvimento.

Fase do Objeto da Libido

Entre seis e oito meses, ocorre um grande progresso na percepção diacrítica e a criança demonstra isso, na medida em que distingue o estranho do familiar. E o comportamento característico dessa conquista é virar a cabeça, abaixar os olhos, chorar e “esconder-se”, mostrando seu desagrado e o “confronto” de vestígios de memória do que lhe é familiar. É o que Spitz chama de *apercepção*, ou seja, da possibilidade de manter a imagem, na ausência do objeto, quando não pode percebê-lo, sensivelmente, no contexto.

É esse o grande passo para que se possa dizer de que se constituiu uma relação, um vínculo com alguém em particular. Alguém que lhe tenha permitido, pela regularidade da sua presença, fazer a transição da recepção cênese até este ponto. Tudo possibilitado pelos sinais responsivos à comunicação expressiva, por sua postura, sua atitude afetiva, equilíbrio constante de atenção à satisfação dos impulsos. Também, pelo estabelecimento de limites naturais, muitas vezes inevitáveis. Isto porque, para a mãe, até então eram “dois” parceiros e era ela que interpretava, ao seu modo, as exigências do mundo; afinal, colocava-se como ponte para esse mundo. Foi esse o caminho que desembocou na possibilidade de o(a) pequeno(a) diferenciar-se na parceria. Estamos, portanto, diante da condição de o bebê poder ser considerado um ser psicológico, da relação, e não um ser biológico como o era ao nascimento.

Spitz chamou de *angústia dos oito meses* o salto qualitativo deste *segundo* e fundamental *organizador*⁵. Sinaliza que estavam se desenvolvendo, paralela e suficientemente, a percepção, o ego e a relação objetal. Ou seja, garante que

5 Que, segundo ele, estaria ausente nas crianças com autismo.

está podendo se constituir um objeto no terreno afetivo, e com ele, um sujeito psíquico.

O que o segundo organizador organiza? No nível físico, pode-se dizer que houve uma consistente mielinização do sistema nervoso. No nível mental, o circuito de imagem preservada, na memória, do que lhe é familiar e de que reclama a falta, por ocasião da presença do estranho (apercepção e angústia dos oito meses), é indicativo da conservação do objeto afetivo⁶. No nível psíquico, os avanços se fazem notar nas esferas de descargas intencionais das tensões afetivas, de uma organização notória de satisfação das necessidades, de enriquecimento do ego e sua distinção do id bem como do meio externo, o que acarretaria o favorecimento de intercâmbios com pessoas e coisas que a cercam.

Quais são as consequências desse organizador?

- Relações sociais mais complexas;
- Comunicação recíproca;
- Orientação espacial;
- Discriminação entre alimentos;
- Discriminação de atitudes afetivas, como o ciúme, a raiva, a inveja;
- Cumprimentos;
- Interação com as pessoas, em brincadeiras com mediação de objetos. Devolve bola, por exemplo.
- Preensão de objetos fora dos limites do berço;
- Preferência por objetos preferidos;
- Expressões de tristeza diante de um “não”;
- Imitação de gestos indicando competência nas identificações.

6 É bem-vinda, aqui, a relação de implicação lógica, de faixa etária e de importância psicológica, com a “noção de conservação de objeto”, no âmbito da cognição, segundo Piaget.

A criança mostra, assim, que pôde constituir um mundo para chamar de seu! E, se não foi nada fácil, agora é só aproveitar e fazer render suas conquistas!

E quando esses princípios e conquistas concretas falham?

Perturbações do Vínculo Afetivo

Bem. Aí entram em cena as “anomalias na constituição das relações objetais”, a que Spitz dedica boa parte de seu livro, demonstrando, pelos efeitos de desvios, a importância de se considerarem as hipóteses levantadas por seus estudos, sempre experimentais, como dissemos de início.

São dois os quadros que descreve e busca explicar, dependendo de os problemas (para a formação de um objeto da libido, do ego, na percepção e no afeto) advirem da qualidade da relação da mãe com a criança, em presença da primeira; ou, da ausência concreta da mãe, sem substituto adequado, nesses meses iniciais da vida. Vamos a eles!

Transtornos psicotóxicos

É o nome que Spitz dá aos problemas de desenvolvimento no primeiro ano (com ecos vida afora), na e pela presença da mãe, relacionados a uma espécie de “relação tóxica” que mantém com seu filho.

Em coerência com suas hipóteses sobre esse período e as construções que implica, ele aponta para a importância da disposição afetiva da mãe para o bebê, em função do sentido que a maternidade tem para ela, de sua história de vida e de distúrbios psíquicos que levam a atitudes “percebidas” por seu pequeno parceiro, na comunicação expressiva. Como não poderia deixar de ser, nesse momento, as reações deste último são corporais. E, dependendo do

adulto cuidador e suas manifestações involuntárias, ao arrepio de sua consciência, a criança pode apresentar distúrbios diferentes.

Sigamos com o autor nas correspondências que faz.

1. A mãe pode apresentar uma *rejeição primária manifesta*, que pode ser *ativa* ou *passiva*. A rejeição ativa é global, desde a maternidade até à própria sexualidade. No caso da passiva, a mãe mostra-se distante e fria no trato com a criança. Esta, por sua vez, como está com dias ou poucos meses de idade, pode apresentar sintomas que comprometem a manutenção da vida. Fisicamente, tem vômitos, dispneia, palidez, rejeita alimentação, podendo entrar em estado de coma.
2. A atitude materna, porém, pode ser oposta a essa, evidenciando uma espécie de superproteção, uma solicitude exagerada e ansiosa, muitas vezes, em torno da alimentação. A mãe reage a qualquer manifestação da criança, de forma pouco discriminativa de seus sinais; como se tivesse uma “incontinência responsiva”. Essa forma de agir vai ter efeito sobre a corpo da criança, intensificando sua tonicidade, sobretudo na região do abdômen, que pode ser já mais ou menos tônica ao nascimento... Ora, no momento de transição do funcionamento digestório desse início da vida, pode haver uma manifestação mais severa da “cólica dos três meses”. Isto porque a criança chora e a mãe rapidamente “entende” que ela está com fome; alimenta-a e, enquanto a digestão se faz, a tensão diminui, ela se acalma e a mãe julga que “acertou”; assim que os movimentos necessários para a digestão cessam, a tensão nessa região volta e ela recomeça a chorar; a mãe, por ansiedade, volta a alimentá-la e o ciclo se repete...
3. Nos casos de mães que são hostis aos filhos e disfarçam, de alguma forma, esse sentimento, os pequenos podem apresentar problema de pele, se já tiverem uma excitabilidade cutânea congênita. Normalmente essas mães evitam tocar em seus filhos e dizem ter receio por qualquer coisa que façam porque poderiam machucá-los. Ansiedade aumentada e superproteção podem funcionar como o disfarce da irritabilidade delas com as ações de cuidado. O fato é que privam as crianças de estímulo cutâneo. E estas passam a comprometer as aquisições

características do primeiro ano, chegando algumas a não apresentar a angústia dos oito meses. Terão dificuldade de desenvolver uma identificação primária que se apoia muito nas sensações táteis e suas regularidades, nesse período. Há problemas na distinção dentro-fora, eu e não-eu, fronteiras psíquicas e somáticas e, com isso, o eu corporal permanece muito rudimentar. E, suas dermatites atópicas, seus eczemas, “forçam” um cuidado e um toque, exatamente lá, onde há a falta dele, na pele.

4. Nas situações até aqui comentadas, a marca da relação é a ambiguidade, o que não facilita a construção do objeto da libido e, assim, provoca vários distúrbios de desenvolvimento no plano das relações sociais, da cognição, da aprendizagem de conceitos, memória, imitação entre outros. Nesse tipo de vínculo ambíguo, falta o fundamental: regularidade de tato, contato, sinais corporais. As mães costumam oscilar nas manifestações de afeto sendo que, por exemplo, quando as oscilações se dão entre atos de mimo e hostilidade, as crianças podem fazer uma compensação da regularidade, desenvolvendo balanceios do próprio corpo, laterais e para frente e para trás, numa repetição intensa, alheia aos movimentos do/no ambiente.

Um quadro mais completo e explicativo encontra-se no capítulo XIII do livro que é nossa referência, *O Primeiro Ano de Vida* (Spitz R. A., 1965/2004), cuja leitura recomendo enfaticamente. A atenção, no momento, foi apresentar de modo exemplar a tese do autor de que, na dependência determinante das atitudes maternas e dos sentidos que conferem à maternagem, podem-se constituir relações de efeito tóxico. Mãe fisicamente presente e efeitos no corpo da criança, portanto.

Em seguida, vamos tratar do que Spitz chama de *Carência Afetiva*.

É literalmente num outro capítulo do livro que estamos estudando, agora o XIV, que encontramos os resultados de pesquisas de observação e acompanhamento de o que acontece quando um bebê é privado, total ou parcialmente, da presença física da mãe. São fatores quantitativos e relativos ao espaço e ao tempo. Isto é, relativos aos cuidados e aos espaços em que esse cuidado se dá, bem como à idade da criança, na ocasião da separação materna.

Transtornos de carência afetiva do bebê

As condições para que ocorra a carência afetiva não passam pelo fator “personalidade da mãe”. São relativas à sua ausência na vida da criança, por morte, doença, ou por internação da criança em instituições de diferentes tipos e por diferentes motivos; o que Spitz chama de “hospitalização”. Além disso, é preciso que o substituto materno seja inadequado ou praticamente inexistente. Configura-se uma falta de provisões afetivas vitais e/ou uma privação delas, nos primeiros meses de vida.

Como o fator causal é quantitativo, o dano sofrido pela criança, nesses casos, será proporcional à duração da privação, podendo ser total ou parcial, sem distinção nítida entre os quadros, e com a evolução de um para o outro.

Na privação afetiva parcial:

- Durante um ano, Spitz realizou um estudo observacional, por um período de 12 a 18 meses, com 123 crianças internadas numa instituição, a *Creche*. Por seis meses, desde o nascimento, tudo parecia correr como o esperado em seu desenvolvimento; tinham relações “boas e normais” (sic) com suas mães, com quem a instituição garantia contato frequente.
- Na segunda metade do primeiro ano, porém, algumas delas apresentaram variações de comportamentos e de reações. Tornaram-se mais chorosas, “exigentes” e tendentes a se apegar ao observador (pesquisador) quando se estabelecia um contato com elas (primeiro mês depois da separação). Aos poucos, o choro pode se transformar em gemido, havendo perda de peso e parada no quociente de desenvolvimento (segundo mês). Passam, então, a recusar o contato, ficando de bruços em suas camas, a maior parte do tempo, tendo insônias e com tendência ao adoecimento; a perda de peso continua e o atraso motor torna-se generalizado; inicia-se também uma evolução característica, a da rigidez facial (terceiro mês); após isso, consolida-se a expressão rígida e o choro cessa, sendo substituído por lamúria, num estado geral de letargia.

- Todas as crianças que participaram da pesquisa e que desenvolveram esse quadro tinham uma experiência em comum: todas foram separadas da mãe por três meses ininterruptos. Embora em condições especiais, antes da separação, era a mãe que cuidava da criança e, por razões administrativas alheias à sua vontade (elas estavam presas e tinham direito a ter seus filhos na creche-internato do presídio), tiveram que se afastar deles. Tal evolução não aconteceu às crianças que se mantiveram com suas mães.
- Desenvolvem sintomas característicos das depressões de adultos. No entanto, a organização psíquica destes é diferente e supõe a ação do superego, segundo o autor. Por isso foi chamada de *depressão anaclítica, relativa que é, à perda de um suporte afetivo básico*, para a construção de funções egoicas, ainda. E ego se constrói, segundo Spitz, somente a partir do nascimento, podendo sofrer todas as intempéries de um vínculo instável, inconstante, faltante e tóxico com a mãe. Já na depressão adulta, mostrar-se-ia a ação de um superego sádico que, implacavelmente, fragmentaria o ego...
- O estudo também mostra que se não há um substituto adequado por cinco meses, é difícil haver reversão do quadro, e a sintomatologia muda radicalmente para o *hospitalismo*, que caracteriza, como veremos adiante, a carência afetiva total.
- Se a mãe retorna depois de três meses de separação, a maioria das crianças se recupera dessa condição. Se não (e sem substituto satisfatório), acontece, num período de dois meses de transição, a consolidação dos sintomas acima mencionados.
- Ainda: para o desenvolvimento da depressão anaclítica, era preciso, nas crianças acompanhadas na pesquisa, que a relação com suas mães tivesse sido boa. O que levaria a afirmar que é mais difícil substituir um objeto de amor do que um objeto insatisfatório.

Na privação afetiva total (hospitalismo):

- O hospitalismo é um termo cunhado por Spitz para nomear os efeitos da ausência da mãe, conforme pôde acompanhar por estudos das

condições de uma outra instituição, a Casa da Criança Abandonada, também no pós-Segunda Guerra Mundial. Ali, as mães podiam amamentar seus filhos (ou de outras mulheres) até o terceiro mês, quando então essas crianças ficavam sem esse cuidado individual e uma única enfermeira atendia a oito delas ao mesmo tempo. Muito embora as condições de higiene, alimentação, medicações fossem tão boas quanto ou até melhores do que das outras instituições estudadas.

- O fato de cada criança ter que dividir essas atenções corporais e afetivas, com outras sete ou mais, acabavam ficando emocionalmente carentes.
- Passavam pelos estágios de deterioração progressiva da privação parcial da presença materna e, assim, muito rapidamente apresentavam sinais de depressão anaclítica, bem como significativo atraso motor e passividade diante de estímulos. Permaneciam inertes na cama e pareciam não ter força suficiente, sequer para virarem-se de bruços. A expressão facial tornava-se fixa e vaga; e os olhos mostravam coordenação defeituosa.
- Em casos em que a motilidade pode ser minimamente recuperada, tomaram a forma de movimentos “incontroláveis” (*atetósicos*), que costumam resultar (em crianças com mais idade, jovens e adultos) de alguma lesão no cérebro. Esses pequenos repetem estranhos movimentos de dedos, movimentos descerebrados, como os denomina. Além disso, alguns apresentaram uma postura da cabeça inclinada, com balanceio localizado, podendo os olhos moverem-se em qualquer direção.
- Os testes aplicados mostraram que ocorreu um declínio progressivo do quociente de desenvolvimento: não conseguem se sentar, ficar em pé, andar ou falar, conquistas esperadas para essa fase; também no acompanhamento posterior que foi feito, até quatro anos, esse quadro permanece; ou seja, constataram-se danos irreversíveis.
- O que mais se destacou no estudo dessa instituição: diferentemente da Creche, a Casa da Criança Abandonada teve um índice próximo a 40% de mortalidade de bebês até dois anos. Isto provaria que mais

do que a institucionalização, a perda total do contato com a mãe, aos três meses, é determinante das mortes, nessa idade.

- Assim, marca-se o que Spitz defende como hipótese: em momentos primordiais, não só a toxicidade das relações materno-infantis determina alterações de rota para o desenvolvimento, mas também, a ausência da mãe e de bons cuidados substitutos podem aumentar os índices de morbidade e de morte.

Em um outro capítulo do mesmo livro (capítulo XV), o autor trata das explicações que a teoria das pulsões pode oferecer a esses estudos observacionais, bem como ao que concretamente acontece com as crianças nessas condições. E, podemos insistir que em nada diverge da teoria das pulsões de Freud; parece apenas ilustrá-la e contribuir com a sua extensão para o funcionamento psicológico que se estabelece no primeiro ano de vida.

Desse modo, reapresenta a questão da dualidade pulsional, resgata as conclusões sobre o apoio do investimento da libido nas pulsões de autoconservação, em conexão com as funções vitais de alimentação, proteção e cuidado, do adulto da espécie, com sua cria. Resgata ainda o princípio da mescla das pulsões de vida e morte nesses investimentos. E termina por levar o leitor a concluir que, no caso da carência afetiva total, *Tanatos vence Eros...*

Para concluir, de volta aos começos

Pode parecer estranho terminar pelo começo. Mas, em verdade, trata-se de retomar o contexto e a estratégia de pensamento constitutivos do texto e, nisso, seus limites e alcances como um livro de Psicologia do Desenvolvimento.

Dissemos no capítulo de APRESENTAÇÃO que ele nasce do conjunto das aulas nessa disciplina de mesmo nome, ministradas por mim, há algumas dezenas de anos, no IPUSP. Trata-se de Psicologia do Desenvolvimento II e versa, por uma decisão curricular, sobre o desenvolvimento afetivo, por um autor que pudesse dar conta das questões fundamentais do conhecimento. Normalmente, em disciplinas como essa, costumam-se apresentar, por meio de autores diversos, fases, na aquisição e na evolução de habilidades e comportamentos característicos, da criança ao adulto, numa espécie de manual. Este modo de proceder ao ensino da matéria parece resolver um problema, o de verificação de comportamentos esperados e alcançados em cada faixa etária e para diferentes aspectos do desenvolvimento. Talvez, esses roteiros de expectativas, à confirmação de observações e avaliações, possam tranquilizar a demanda por pontos de partida e nortes, nos nossos trabalhos com Psicologia. Mas a escolha programática, que nosso Currículo propõe, é a de traçar sobre dois aspectos fundamentais, cognição e afeto, a compreensão centrada na abrangência de processos que os caracterizam, e como podem ser estudados.

Freud é o autor destacado para a disciplina em seu segundo semestre de ministração, pelo que contribui nesta área, não por postular fases do desenvolvimento, mas por postular a hipótese de um inconsciente determinante de todo o psiquismo, incluindo-se, aí, a afetividade.

Essa escolha, no entanto, exige-nos um trabalho epistemológico, de perguntar à própria psicanálise freudiana, sobre todos os recortes a que devem ser submetidas suas teorias e a trama geral de seus conceitos, uma vez que tratá-la como uma psicologia do desenvolvimento equivaleria a reduzir seu objeto do conhecimento a um aspecto que está muito longe de dizer de seu alcance e de sua extensão. Seria uma redução mais que indevida. Daí que resgatamos nela (a psicanálise freudiana) o que permitiria falar de desenvolvimento afetivo e como, ao tratar especificamente desse tema, encontramos o desenho de uma psicologia na psicanálise; não mais aquela do comportamento e das faculdades mentais (como se desenha na filosofia), e sim, aquela que supõe o inconsciente (freudiano), a sexualidade, pulsões, suas finalidades, escolha de objeto amoroso, identificações, para tratar dos matizes dos afetos na história de alguém, do nascimento vida a fora.

No campo de tais teorias é viável fazermos um perfil da psicologia do desenvolvimento que descreve uma criança em fases e em conflitos amorosos e afetivos, na maioria das vezes, motivados pela organização de um inconsciente, nos limites possíveis da consciência.

O mais importante é que se tenha em mente que não existe uma psicologia do desenvolvimento pronta na psicanálise de Freud. Temos que construí-la a partir de uma estratégia de pensamento que nos permita traçar nos escritos do autor, um caminho por meio de alguns textos que configurem tanto uma psicologia da afetividade quanto do desenvolvimento afetivo. E foi este o trabalho que tivemos para escrever o presente livro.

Tratamos, assim, os termos da metapsicologia freudiana, sua teoria explicativa do psiquismo e de seu modo de funcionamento. Com destaques particulares desses fundamentos básicos, traçamos o percurso das relações primordiais com a mãe e das provocações que presença do pai faz a elas, para apresentar o modo como se dá o desenvolvimento psicosssexual, nesse

pensamento que inaugura, em tempos modernos, a discussão da sexualidade como marca constitutiva do psicológico, desde o nascimento.

Pode-se dizer que este foi o “roteiro” deste livro. Melhor: esta é a perspectiva que o justifica.

Um aspecto nela se destaca, ainda: a última Parte traz um autor outro, Spitz, que, partindo das proposições freudianas, acrescenta à psicanálise um estudo empírico, e em tempo real, da formação de vínculos afetivos no primeiro ano de vida. Percepção, ego e relação objetal são apresentados como os fatores que se desenvolvem em necessária articulação, para que uma comunicação expressiva, fundada no afeto materno e nas manifestações interoceptivas e proprioceptivas do bebê, legados da espécie, façam da relação com a mãe, a ponte para o mundo. Como Spitz estuda as possíveis perturbações ocasionadas pela presença tóxica e/ou pela ausência, temporária ou definitiva, da mãe nesse início da vida, terminamos o corpo do livro com uma afirmação um tanto dissonante: *Tanatos vence Eros*. Isto nos casos de carência afetiva total do bebê.

Em que pese a dureza dessas palavras finais, tudo o que se buscou afirmar no presente livro versa sobre a importância do vínculo afetivo, a importância da ligação da criança com o mundo que a cerca. Então, para que possamos voltar à intenção primeira de Freud e de Spitz que, com certeza, gira em torno das possibilidades de vida nas tratativas e nos encontros e desencontros amorosos que ela nos exige, terminamos, nós também, com a máxima que melhor falaria dessa intenção: *e Eros vence Tanatos...*

Psicologia, desenvolvimento e afeto.

Referências

- Freud, S. ([1914]1918/1976). História de uma neurose infantil. *Edição Standart Brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, XVII. (J. Salomão, Trad.) Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1900/1972). A interpretação dos sonhos. *Edição Standart Brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, IV-V. (J. Salomão, Trad.) Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1901/1976). Sobre os sonhos. *Edição Standart Brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, V. (J. Salomão, Trad.) Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1905/1969). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Vol. VII). (J. Salomão, Trad.) Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1905/1976). Fragmentos da análise de um caso de histeria. *Edição Standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, VII. (J. Salomão, Trad.) Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1909/1976). Notas sobre um Caso de Neurose Obsessiva. *Edição Standart Brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA.

- Freud, S. (1911/2010a). *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber")*. (P. C. Souza, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1914/1969). *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (Vol. XIV). (J. Salomão, Trad.) Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915/1969). O Inconsciente. *Edição Standart Brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA.
- Freud, S. (1915/1974). *O inconsciente* (Vol. XIV). (J. Salomão, Trad.) Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915/1976). O instinto e suas vicissitudes. *Edição Standart brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, XIV*, 121-162. (J. Salomão, Trad.) Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1917/1969). *A Vida Sexual dos seres humanos* (Vol. XVI). (J. Salomão, Trad.) Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1917[1915]/1974). *Luto e Melancolia* (Vol. XIV). (J. Salomão, Trad.) Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1919/1976). O estranho. *Edição Standart brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, XVII*, 271-314. (J. Salomão, Trad.) Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1920/2010a). Além do Princípio do Prazer. 14. (P. C. Souza, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1921/1976). *Psicologia das Massas e análise do Ego* (Vol. XVIII). (J. Salomão, Trad.) Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1923). O Ego e o Id. *Edição Standart Brasileira das obras completas de Sigmund Freud, XIX*. (J. Salomão, Trad.) Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1923). Organização genital infantil. *Edição Standart Brasileira das obras completas de Sigmund Freud, XIX*. (J. Salomão, Trad.) Rio de Janeiro: Imago.

- Freud, S. (1924). A dissolução do complexo de Édipo. *Edição Standart Brasileira das obras completas de Sigmund Freud, XIX*. (J. Salomão, Trad.) Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1924/1976). *A perda da realidade na neurose e na psicose* (Vol. XIX). (J. Salomão, Trad.) Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1924/1976). *Neurose e Psicose* (Vol. XIX). (J. Salomão, Trad.) Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1925/1976). Uma nota sobre o “bloco mágico”. *Edição Standart Brasileira das obras completas de Sigmund Freud, XIX*. (J. Salomão, Trad.) Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1925/1976a). Uma Nota sobre o “Bloco Mágico”. *XIX*. (J. Salomão, Trad.) Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1930/1974). *O mal-estar na civilização* (Vol. XXI). (J. Salomão, Trad.) Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1931/1974). *Sexualidade Feminina* (Vol. XXI). (J. Salomão, Trad.) Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1937/1976). Construções em análise. *Edição Standart Brasileira das obras completas de Sigmund Freud, XXIII*. (J. Salomão, Trad.) Rio de Janeiro: Imago.
- Guirado, M. (2010/2018). *A análise institucional do discurso como analítica da subjetividade*. Rio de Janeiro: Lumen Juris.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1977). *Vocabulário da Psicanálise*. 3ª. Santos: Martins Fontes.
- Spitz, R. (1957/1978). *O não e o sim: a gênese da comunicação humana*. São Paulo: Martins Fontes.
- Spitz, R. A. (1965/2004). *O primeiro ano de vida*. São Paulo: Martins Fontes.

A professora Livre-Docente da USP, Marlene

Guirado, explora nesse livro os principais temas da disciplina de Desenvolvimento Afetivo que ministra há aproximadamente três décadas no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. A autora procede a uma *contextualização* da obra de Freud, a partir de seus principais temas (sonhos, inconsciente, tramas imaginário-afetivas), assim, os capítulos tratam, sobretudo, do modo como Freud produz um saber a respeito de determinado tema ou aspecto da “vida psíquica”. Este caminho é facultado por uma estratégia de pensamento, a Análise Institucional do Discurso, que, se por um lado suspende o caráter de verdade da teoria freudiana, de outro, resgata e preserva seu lugar produtivo como disparador do pensamento. Ao cabo, o trabalho de Guirado pode ser considerado como uma análise do discurso de Freud.

Felipe Martins-Afonso

www.blucher.com.br



Blucher